

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Rejane Maria Silva Lemos

**LEITURA DESEMPAREDADA: A LEITURA LITERÁRIA EM UM AMBIENTE
NÃO CONVENCIONAL**

MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

SÃO PAULO

2025

LEITURA DESEMPAREDADA: A LEITURA LITERÁRIA EM UM AMBIENTE NÃO
CONVENCIONAL

Rejane Maria Silva Lemos

MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Literatura e Crítica Literária, sob
orientação da profª Dra. Elisabete Alfeld.

SÃO PAULO

2025

Silva Lemos, Rejane Maria
LEITURA DESEMPAREDADA: A LEITURA LITERÁRIA EM UM AMBIENTE
NÃO CONVENCIONAL. / Rejane Maria Silva Lemos. -- São Paulo:
[s.n.], 2025.
68p. il. ; 21x29,7cm cm.

Orientador: Elisabete Alfeld.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária.

1. Literatura infantil. 2. Educação literária. 3.
Desemparedar a leitura. 4. Projeto Leitura na Praça. I.
Alfeld, Elisabete. II. Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária. III. Título.

CDD

LEITURA DESEMPAREDADA: A LEITURA LITERÁRIA EM UM AMBIENTE NÃO
CONVENCIONAL

Rejane Maria Silva Lemos

MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Literatura e Crítica Literária, sob
orientação da prof^a Dra. Elisabete Alfeld.

SÃO PAULO

2025

LEITURA DESEMPAREDADA: A LEITURA LITERÁRIA EM UM AMBIENTE NÃO CONVENCIONAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Literatura e Crítica Literária, sob
orientação da Profa. Dra. Elisabete Alfeld.

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Elisabete Alfeld
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Profa. Dra. Diana Navas
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Profa. Dra. Marcia Fusaro
Uninove

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que conseguem manter vivo o amor e o encantamento pela literatura e que veem nela uma forma de arte, de expressão e um direito universal que não pode ser negligenciado.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido Deus por ser presença em minha vida, fortalecendo-me e reanimando quando o cansaço se faz presente. Em alguns momentos o trabalho era árduo, o tempo para estudo parecia insuficiente e então surgia o medo de não conseguir. No entanto, nesse momento, a mão Deus me reerguia, fortalecia-me e reavivava minhas forças.

Agradeço aos meus pais por acreditarem em meu potencial. Mesmo na infância quando eu tinha dificuldades de aprender, minha mãe docilmente dizia que no devido tempo eu aprenderia. Como é bom tê-los comigo! Estendo essa mesma gratidão as minhas irmãs, pela parceria e pela cumplicidade de toda uma vida.

Agradeço à Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, pelo incentivo e pela concessão da bolsa de estudos que viabilizou a realização deste mestrado acadêmico.

Minha gratidão a todos os professores do Mestrado em Literatura e Crítica Literária, por compartilharem conosco tantos conhecimentos sempre de forma tão motivadora e dinâmica. Em especial ao professor Fábio e à professora Diana, que foram os primeiros a me recepcionar realizando a entrevista e me enchendo de estímulo. Agradeço à PUC pelo acolhimento e receptividade para com todos nós fazendo-nos sentir parte desse fértil solo acadêmico.

Meu agradecimento em particular a minha orientadora, professora Elisabete Alfeld, pela sua dedicação, acolhimento, disponibilidade e escuta ativa. Sua orientação e sua forma de conduzir foram essenciais para a concretização desta dissertação.

Agradeço a todos os colegas da turma, pelas ideias e saberes compartilhados. Ao grupo aqui do Ceará que servia de apoio um para o outro nos momentos de cansaço e até desânimo. Em especial, agradeço ao Arnaldo e à Flávia, pois além de estudarmos juntos, trabalhávamos juntos, nos apoiávamos e nos motivávamos mutuamente.

Agradeço a todos que, de maneira direta ou indireta, ofereceram sua contribuição e apoio na conclusão de minha dissertação.

“Quem escreve um livro cria um castelo, quem
o lê mora nele.”

Monteiro Lobato

RESUMO

A prática da leitura literária oferece benefícios consideráveis às crianças quando iniciada na infância, podendo e devendo ultrapassar os limites do ambiente escolar. Essa atividade deve ser encarada como algo prazeroso, no qual o destaque é o deleite de ler e não a obrigação de fazê-lo. A literatura infantil desempenha um papel fundamental ao servir como base para estimular o gosto pela leitura literária, ajudando a criança a ampliar sua imaginação, criatividade e habilidades interpretativas. Trata-se, sobretudo, de abrir espaço para que a criança e o livro se libertem das fronteiras tradicionais, transformando a leitura em um ato de liberdade, sendo esta, portanto, a motivação central desta pesquisa. Ao longo do estudo, aprofundamos a importância de ampliar o acesso à literatura além das paredes da escola ou da biblioteca, ou seja, desemparedar a leitura, os livros e as próprias crianças por meio da criação de ambientes atrativos nos quais o ato de ler seja uma experiência prazerosa. Sob esse ponto de partida, delinear-se o problema da pesquisa: de que maneira a literatura infantil em um espaço livre de barreiras pode contribuir para promover a democratização do acesso à leitura e estimular o prazer de ler? Quais são os resultados dessas ações na formação de leitores literários? Para encontrar respostas às perguntas levantadas, estabelecemos alguns objetivos da pesquisa. O objetivo principal foi explorar a proposta de uma leitura literária desemparedada. Esse objetivo central foi dividido em metas específicas: a) avaliar o impacto do *Projeto Leitura na Praça* desde sua implantação até hoje; b) identificar as preferências literárias dos frequentadores dos quiosques; e c) analisar até que ponto o *Projeto Leitura na Praça* ajuda na formação do leitor literário. Para entender melhor o alcance de uma leitura livre de barreiras, considerando as políticas públicas voltadas à formação de leitores, foi necessário estudar suas regulamentações e conhecer detalhadamente os quiosques onde as ações ocorrem. Este estudo foi conduzido por meio de amostragem, uma vez que não é viável visitar todos os locais onde estão instalados os quiosques. Além da investigação bibliográfica para obter informações documentais sobre a política em análise, foram feitas leituras adicionais relacionadas ao tema do estudo, com o objetivo de fortalecer a fundamentação teórica.

Palavras-chave: Literatura infantil; Educação literária; Desemparedar a leitura; Projeto Leitura na Praça.

ABSTRACT

The practice of literary reading offers considerable benefits to children when initiated in childhood, this can and should go beyond the confines of the school environment. This activity should be seen as something pleasurable, where the emphasis is in the pleasure of reading and not in the obligation to do so. Children's literature plays a fundamental role in serving as a basis for stimulating taste for literary reading, helping children to expand their imagination, creativity and interpretative skills. It is, above all, about opening up space for children and books to free themselves from traditional boundaries, transforming reading into an act of freedom, which is therefore the central motivation of this research. Throughout the study, we delved into the importance of expanding access to literature beyond the walls of the school or library, that is, unblocking reading, books and children themselves by creating attractive environments where the act of reading is a pleasurable experience. From this starting point, the research problem is: how can children's literature in a barrier-free space contribute to promoting the democratization of access to reading and stimulating the pleasure of reading? What are the results of these actions in the formation of literary readers? In order to find answers to the questions raised, we established some research objectives. The main objective is to explore the proposal for an unfettered literary reading. This central objective was divided into specific goals: a) to evaluate the impact of the Reading in the Square Project since its implementation until today; b) to identify the literary preferences of kiosk visitors; c) to analyze how the Reading in the Square Project helps the formation of literary readers. In order to better understand the scope of barrier-free reading, considering public policies aimed at the formation of readers, it was necessary to study their regulations and to know in detail the kiosks where the actions take place. This study was conducted through sampling, since it is not feasible to visit all the locations where the kiosks are installed. In addition to the bibliographical research to obtain documentary information on the policy under analysis, additional readings related to the study theme were carried out, with the aim of strengthening the theoretical foundation.

Keywords: Children's literature; Literary education; unwall reading; Reading in the Square Project

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Imagem do quiosque	46
Figura 2 -	Imagem do quiosque	49
Figura 3 -	O quiosque fechado e o quiosque aberto	50
Figura 4 -	Referente ao livro <i>Meu pai vai me buscar na escola</i>	53
Figura 5 -	Referente ao livro <i>João, o galo desregulado</i>	54
Figura 6-	Referente ao livro <i>Mamãe foi trabalhar</i>	54
Figura 7 -	Referente ao livro <i>Amizade desenhada</i>	55
Figura 8 -	Referente ao livro <i>Um pirata muito só</i>	55
Figura 9 -	Referente ao livro <i>Aniversário no cemitério</i>	56
Figura 10 -	Referente ao livro <i>Encanto</i>	56
Figura 11 -	Referente ao livro <i>Todo mundo saiu</i>	57
Figura 12 -	Referente ao livro <i>Bom dia todas as cores</i>	58
Figura 13 -	Referente ao livro <i>Bom dia todas as cores</i>	59
Figura 14 -	Referente ao livro <i>Bom dia todas as cores</i>	60
Figura 15 -	Referente ao livro <i>Bom dia todas as cores</i>	60
Figura 16 -	Referente ao livro <i>O planeta está doente</i>	61
Figura 17 -	Referente ao livro <i>O planeta está doente</i>	62
Figura 18 -	Referente ao livro <i>O planeta está doente</i>	63
Figura 19 -	Referente ao livro <i>O planeta está doente</i>	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I: A LEITURA E A LITERATURA COMO PRÁTICAS SOCIAIS	21
1.1 O que vem a ser literatura e qual a sua função.....	23
1.2 Literatura para o leitor criança e suas características.....	26
CAPÍTULO II- A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À LITERATURA INFANTIL: UMA NECESSIDADE UNIVERSAL	31
2.1 O que já foi feito pela leitura e literatura através dos programas do livro ou das políticas públicas no Brasil	33
2.2 O estado do Ceará como incentivador da leitura literária	39
CAPÍTULO III: LEITURA DESEMPAREDADA: A LITERATURA ENQUANTO AGENTE DE LIBERDADE.....	44
3.1 Leitura na praça: tornando livre o ato da leitura literária.....	46
3.2 Quiosque literário: porta de entrada ao bosque da ficção	49
3.3 Viajando pelo bosque: a escolha de um livro	53
3.3.1 Bom dia todas as cores: a difícil arte de agradar a todos.....	58
3.3.2 O planeta está com febre: uma reflexão sobre o aquecimento global.....	61
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

A prática da leitura é vista como algo que nos traz inúmeros benefícios, especialmente quando iniciada na infância. Quanto mais cedo uma criança é estimulada a ler, maior será seu ganho de compreensão, vocabulário e uma visão mais ampla do mundo, devido ao desenvolvimento de diversas habilidades.

Considerando a história da literatura infantil no Brasil, ela começou de forma tardia em relação à Europa, região na qual sua origem remonta ao século XII. No Brasil, esse movimento teve início apenas no século XIX, mais precisamente na sua fase final. Além desse atraso temporal, há também o fato de que grande parte das obras disponibilizadas aos pequenos leitores eram adaptações de contos estrangeiros. As produções nacionais surgiram no início do século XX com nomes como Olavo Bilac, Coelho Neto e Manuel Bonfim. Contudo, por tratar-se de obras brasileiras voltadas ao público infantil, geralmente apresentavam uma forte veia nacionalista e até moralista.

Lajolo (1986) observa que somente na década de 1920, com Monteiro Lobato, a literatura infantil e juvenil brasileira passou por uma reinvenção, ao incorporar temas relacionados ao universo das crianças e, ao mesmo tempo, estimular os jovens leitores a refletir e questionar, por exemplo, sobre a situação econômica do país naquele período. Apesar dos avanços conquistados, ainda havia obstáculos e até mesmo uma orientação controladora no que diz respeito à divulgação e distribuição de obras infantis. Silva (2023) aponta que, no Brasil, quando foi criado o primeiro instituto dedicado à distribuição de livros literários – o Instituto Nacional do Livro (INL), fundado em 1937 durante o governo de Getúlio Vargas – seu propósito regulador era bastante explícito: tratava-se de um órgão com função de controle.

O ministro Gustavo Capanema, responsável pelo Instituto à época, enviou um ofício ao então presidente expondo suas opiniões sobre o livro. Nesse documento, Capanema afirmou que:

O livro não é só o companheiro amigo, que instrui, que diverte, que consola. É ainda e, sobretudo o grande semeador que, pelos séculos afora, vem transformando a face da terra. Encontraremos sempre um livro no fundo de todas as revoluções. É, portanto dever do Estado proteger o livro, não só promovendo e facilitando a sua produção e divulgação, mas ainda vigilando no sentido de que ele seja, não o instrumento do mal, mas sempre o inspirador dos grandes sentimentos e das nobres causas humanas. (Capanema, 1937, p.8).

O INL tinha como principal função o gerenciamento do livro: enviava acervos às bibliotecas públicas, os quais passavam por uma análise criteriosa dos temas abordados,

restringindo assim as opções de leitura para o público-alvo. Dessa forma, tanto os livros quanto as bibliotecas eram amplamente promovidos, no entanto, qualquer obra que defendesse ideias contrárias aos objetivos do INL permanecia fora de circulação.

A trajetória da literatura infantil e o acesso ao livro infantil carregam marcas de controle por parte daqueles que deveriam promovê-la de maneira ampla e acessível — ou seja, os órgãos governamentais. O domínio exercido pelo INL permaneceu por décadas, pois, por meio de vigilância constante, controlava tudo que era publicado, punindo autores e editoras que ousassem desafiar o sistema.

Garantir um acesso mais democrático à leitura infantil, especialmente à literatura juvenil no Brasil, é uma estratégia importante para reduzir as desigualdades nas oportunidades oferecidas às crianças. De acordo com Silva (2023):

Negar, portanto, a literatura às crianças e adolescentes pertencentes às famílias socialmente desfavorecidas é como negá-las qualquer outro bem essencial. Primeiro por não favorecer a expressão e reflexão de suas emoções, sentimentos e discursos construídos em suas relações sociais (Silva, 2023, p. 27).

Segundo Silva as políticas públicas de leitura, então, devem existir com o propósito de construir bibliotecas, manter acervos e desenvolver práticas de leitura dentro e fora do espaço escolar, justamente para constituir leitores que consigam avançar em seus níveis de leitura e em sua relação com os materiais de natureza estética e literária. Como aponta Célia Fernandes (2003):

A consciência do caráter político do ato de ler é importante para que o sujeito tenha uma atitude emancipada frente ao texto, entendendo-o como produto e não como verdade. A visão mitificada e neutra da leitura, que considera o ato de ler em si mesmo, camufla o fato de que os discursos contêm representações de mundo (Fernandes, 2003, p. 13).

Em artigo intitulado “A urgência do direito à literatura: formar leitores para ler o mundo”, Ramos (2020, p. 5) destaca o papel inalienável da escola na formação de leitores, em particular de leitores literários. Ramos embasou seu estudo em outros estudiosos, entre eles Antonio Cândido (2011), segundo o qual a literatura é considerada uma necessidade universal.

Com o pensamento semelhante ao de Cândido e Ramos temos Oliveira, que já em 1996 defendia que:

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua

mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico; outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando (Oliveira, 1996, p. 27).

Baseando-se nas ideias e concepções de renomados autores, com destaque para Oliveira, que trata da literatura infantil, é possível compreender a relevância da literatura e o impacto positivo que ela pode exercer na vida das crianças que têm o privilégio de conhecê-la desde cedo.

Não cabe apenas à escola a responsabilidade de proporcionar às crianças o contato com a literatura. É essencial que a família também promova esse convívio, assim como é indispensável a implementação de políticas públicas voltadas para essa finalidade, seja por meio de iniciativas governamentais ou privadas, pois a literatura ganha um lugar especial no olhar atento das crianças que recebem um livro ou vivem momentos de encanto proporcionados por uma história contada ou lida, seja por elas mesmas ou por outra pessoa.

Uma das capacidades mais marcantes da infância é a imaginação. O acesso à literatura, especialmente a histórias pensadas para sua faixa etária, estimula ainda mais esse potencial criativo. Segundo Alfeld, a criança possui o que ele chama de “consciência imaginante”, um estado que permite transportá-la para mundos mágicos e a faz assumir diferentes personagens.

Nesse mundo, as primeiras leituras e o contato com o livro, mesmo que pela mediação do adulto, são muito significativos cultural e socialmente. A aprendizagem conceitual realiza-se pelo livro; o ingresso no imaginário faz se, também, pelo livro, mas, o livro organizado em uma escrita inusitada que considera a maneira de combinar palavras e imagens, as cores, a composição das figuras e do cenário, o formato e a direção em que as páginas são viradas como aberturas simbólicas para entrar no mundo encantado das histórias (Alfeld, 2022, p. 347).

Para Gaston Bachelard (1993, p. 100), “sempre existirão mais coisas em um cofre fechado do que em um cofre aberto, pois a verificação faz com que as imagens percam sua essência. Imaginar será sempre algo maior do que simplesmente viver.” Segundo ele, a imaginação é fundamental como fonte de criação e conhecimento. Seus estudos e suas teorias iam na direção contrária daqueles que consideravam a imaginação como mera representação do real. Na concepção de Bachelard, a imaginação deve ser considerada como força motriz capaz de produzir imagens e significados. Para ele, a imaginação, sobretudo no que se refere ao campo poético, nos leva para além da mera contemplação e possibilita o encontro com o novo: “Na ordem literária, tudo é sonhado antes de ser visto” (Bachelard, 2002, p. 142).

Com base nas concepções de Bachelard, podemos enfatizar a importância da imaginação infantil, especialmente quando esse estímulo acontece de forma espontânea. A criatividade é uma ferramenta eficaz para o crescimento cognitivo em sua totalidade. Entretanto, mesmo depois de crescidos, depois de nos tornarmos adultos, continua sendo importante alimentar nossa capacidade de sonhar, mantendo viva nossa capacidade de imaginar, iluminados por nossas lembranças.

Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido, sonhamos no limite da história e da lenda, [...]. Essa infância, que aliás, permanece como uma simpatia de abertura para a vida, permite-nos compreender e amar as crianças como se fôssemos os seus iguais numa vida primeira (Bachelard, 1996, p. 85).

Palo (2013) descreve o pensamento infantil, que por sua vez está ligado ao imaginário, afirmando que:

O pensamento infantil é aquele que está sintonizado com esse pulsar pelas vias do imaginário. E é justamente nisso que os projetos mais arrojados de literatura infantil investem, não escamoteando o literário, nem o facilitando, mas enfrentando sua qualidade artística e oferecendo os melhores produtos possíveis ao repertório infantil, que tem a competência necessária para traduzi-lo pelo desempenho de uma leitura múltipla e diversificada (Palo, 2013, p. 11).

A literatura infantil tem um papel essencial ao estimular o espírito imaginativo característico das crianças, convidando-as a explorar o vasto bosque da imaginação. Ao envolver-se com as histórias, elas se sentem parte delas, concordando, discordando, opinando e deixando que sua imaginação as conduza. Segundo Teresa Colomer (2017), a ideia da “pedagogia do livro” promove a criação de uma cultura na qual a criança esteja cercada por livros e por adultos que leem para ela e com ela, familiarizando-a com esse objeto cultural e incentivando o desenvolvimento de hábitos leitores. A autora ressalta, ainda, que os primeiros debates sobre a leitura como um ato livre dos cidadãos surgiram no contexto bibliotecário, destacando uma leitura funcional que inclui o prazer da leitura de ficção.

A imaginação desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Ela permite que criem conexões, solucionem problemas e expressem suas emoções. Para captar a atenção das crianças, as histórias precisam despertar sua curiosidade, mas também enriquecer sua vida. Elas devem estimular a imaginação, contribuir para o desenvolvimento intelectual, clarear as emoções, harmonizar ansiedades e aspirações, além de propor caminhos para enfrentar os desafios que as incomodam.

Entretanto, como já foi pontuado, a responsabilidade de despertar o gosto pela leitura não pode recair apenas sobre a escola. É fundamental ir além das paredes da sala de aula, expandindo o ato de ler para outros contextos. Essa ideia dialoga com o conceito de Léa Tiriba (2010) sobre desemparedar as crianças. Tiriba defende a criação de oportunidades de aprendizagem e lazer ao ar livre, aproveitando os espaços públicos. Inspirados por essa visão, propomos também “desemparedar” a leitura — deslocá-la da escola, das bibliotecas ou de quaisquer espaços restritivos e convencionais.

Foi justamente nesse sentido, explorando as possibilidades literárias além dos limites tradicionais, que se desenvolveu o foco deste estudo e sua visão sobre o papel transformador da leitura no universo infantil.

Em Fortaleza, há um exemplo inspirador de iniciativa que promove a leitura e tem mostrado resultados positivos. Lançado em 2019 durante a gestão do prefeito Roberto Cláudio, o *Projeto Leitura na Praça* é uma política pública voltada à infância que utiliza quiosques distribuídos em diferentes regiões da cidade como ferramenta principal. Cada quiosque abriga cerca de 400 livros infantojuvenis de variados gêneros e temas, despertando o interesse das crianças e das famílias pelo simples encantamento visual e pela experiência que esses espaços proporcionam. Por meio dessa interação, o projeto busca atrair mais pessoas ao universo da leitura.

Toda a comunidade é convidada a se aproximar desses espaços e aproveitar seu rico acervo. A administração dos quiosques é feita voluntariamente por um “adotante”, que atua como mediador e acolhedor. Esses voluntários participam de cursos de formação, assumem um compromisso com a prefeitura para organizar os horários e zelar pelo funcionamento do espaço. Além disso, os quiosques recebem acompanhamento periódico da equipe do projeto e são palco de oficinas com contação de histórias e ações promovidas por arte-educadores vinculados ao programa Ponto de Encontro da FUNCI, órgão municipal dedicado à proteção integral de crianças e adolescentes.

Esse tipo de iniciativa é extremamente enriquecedor, pois oferece às crianças duas possibilidades fundamentais: a liberdade de frequentar os ambientes literários e a liberdade de escolher o que ler. Diferentemente da sala de aula tradicional, onde muitas vezes as leituras são pré-definidas pelos professores, aqui a criança tem a chance de escolher livremente. Mesmo nas escolas, quando visitam a biblioteca ou o cantinho da leitura disponível em cada sala, essas escolhas já estimulam sua relação com os livros, uma vez que é a criança quem decide o que deseja explorar ou sugere que alguém leia para ela, criando vínculos únicos com as histórias.

Essa perspectiva de liberdade está alinhada com os ensinamentos de Maria Montessori, pedagoga e médica italiana. Em sua obra *A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica* (2017), ela defende que a capacidade de escolha é um dos processos mentais mais importantes do ser humano. Segundo Montessori, crianças aprendem e assimilam muito mais quando têm a liberdade de decidir. Ao permitir que escolham o que ler, ajudamos a desenvolver sua independência, autonomia e sensibilidade em suas decisões.

Essa ideia ecoa no pensamento do escritor Umberto Eco. Em sua obra *Seis Passeios pelo Bosque da Ficção*, no capítulo “Entrando no Bosque”, ele reflete sobre o papel essencial do leitor na narrativa. Conforme a descrição do autor: "Uma história só ganha vida mediante a existência do leitor". Escolher o que se deseja ler representa um passo fundamental nesse processo, despertando o interesse genuíno das crianças pela leitura. É esse ato de escolha que as convida a navegar pelo bosque da imaginação, interagir com enredos, criar possibilidades e pensar em desfechos.

O conceito do leitor modelo descrito por Umberto Eco pode perfeitamente incluir as crianças, desde que haja essa intencionalidade: proporcionar-lhes o acesso à liberdade literária e nutrir essa conexão única com os livros desde cedo. Assim, iniciativas como o *Projeto Leitura na Praça* pavimentam o caminho para a formação de novos leitores críticos e imaginativos.

Visando ampliar um pouco mais este leque ao trazer como ideia central uma reflexão acerca da importância de termos ambientes literários diversificados, ou seja, para além dos muros das escolas ou bibliotecas, surgiu o interesse motivador por esta pesquisa. A relevância da pesquisa está em buscar averiguar se há ou não ganhos através da leitura literária em ambientes diversificados para aqueles a quem é direcionada. Nesse sentido, foi escolhido como objeto de pesquisa o *Projeto Leitura na Praça*, com o intuito de promover uma investigação sobre a democratização do acesso à literatura fora do ambiente escolar ou da biblioteca, tomando por base um quiosque recheado de livros.

Para a realização deste trabalho, foi elaborado um diálogo com teóricos que destacam a importância da literatura infantil e analisam os potenciais benefícios de expandir os horizontes da infância para além dos muros da escola e do ambiente familiar. Foi realizada uma imersão no *lócus* da pesquisa, utilizando como referência um dos quiosques envolvidos no estudo, com o objetivo de compreender sua dinâmica e metodologia no incentivo à leitura. Nesta etapa, foi efetuado um mapeamento das obras disponíveis, incluindo a classificação por gênero e a identificação das mais procuradas pelos usuários do quiosque.

O principal objetivo desta pesquisa consistiu em discutir a relevância de ampliar o acesso à literatura além dos limites físicos das bibliotecas e escolas, promovendo o conceito de uma leitura "desemparedada". Essa abordagem busca explorar espaços atrativos nos quais a leitura possa ser percebida como uma prática prazerosa. Nesse contexto, surgiu o problema central da pesquisa: como a literatura infantil, em um ambiente além dos muros tradicionais, pode contribuir para democratizar o acesso à literatura e despertar o prazer pela leitura? Quais os resultados dessas iniciativas no processo de formação do leitor literário?

A fim de responder a essas questões, foram estabelecidos objetivos específicos. O objetivo geral foi investigar os impactos de uma leitura literária desemparedada. A partir dele, desdobraram-se os objetivos específicos: a) analisar o alcance do Projeto Leitura na Praça desde sua implementação até o presente momento; b) identificar as preferências literárias dos frequentadores dos quiosques; c) avaliar em que medida o Projeto Leitura na Praça colabora com a formação do leitor literário.

Para compreender melhor o impacto de uma leitura desemparedada, foram analisadas políticas públicas voltadas à formação de leitores, juntamente com uma observação in loco dos quiosques onde o projeto é implementado. Por se tratar de pesquisa por amostragem, não foi possível visitar todos os locais em que há quiosques. Além disso, a revisão bibliográfica foi fundamental para consolidar as bases teóricas e documentais do estudo.

A estrutura do trabalho está organizada em três capítulos principais. O primeiro capítulo, intitulado **A leitura e a literatura como práticas sociais**, aborda a fundamentação teórica do estudo, abrangendo desde as definições iniciais de literatura até suas ramificações. Autores como Carvalho (2015), Petit (2019 e 2024), Martins (1982), Lajolo (2006), Cândido (1972), Coutinho (1975), Barengi (2019), Zilderman (1998 e 2005), Abramovich (1977) e Navas (2017) são referências fundamentais nesse contexto.

O segundo capítulo, **A democratização do acesso à literatura infantil: uma necessidade universal**, discute a temática a partir das reflexões de Silva (2018 e 2023), que enfatiza a importância de democratizar a literatura como estratégia para reduzir desigualdades sociais. A abordagem contempla políticas públicas que promovam a prática da leitura literária mediante acervos diversificados disponíveis em espaços alternativos às escolas. Também são exploradas contribuições de Cândido (2021), que defende a literatura como um direito universal essencial ao desenvolvimento humano.

Por fim, no terceiro capítulo, **Leitura desemparedada: a literatura enquanto agente de liberdade**, fundamenta-se na perspectiva de Tiriba (2020), que propõe a ideia de desemparedar a infância para oferecer novas formas de interação com o ambiente natural e ampliar as possibilidades de desenvolvimento infantil. Este capítulo estabelece uma conexão entre o ato de "desemparedar" a infância e enxergar a leitura como um exercício de liberdade. Apresenta-se uma descrição detalhada do *Projeto Leitura na Praça*, que constitui o foco principal da pesquisa. Este capítulo inclui subdivisões com uma análise abrangente do projeto, um recorte específico em um dos quiosques observados e um levantamento de dez obras disponíveis no acervo, seguido por uma análise literária aprofundada de três dessas obras.

Ao final, são apresentadas as considerações finais, que oferecem uma visão geral do estudo realizado e das contribuições para a formação do leitor literário. O trabalho conclui com as reflexões finais e as referências bibliográficas utilizadas ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO I: A LEITURA E A LITERATURA COMO PRÁTICAS SOCIAIS

A leitura, por meio de seus variados gêneros, tem o poder de expandir a bagagem cultural do leitor, estimulando sua capacidade crítica, aguçando a sensibilidade, promovendo o autoconhecimento e ampliando a compreensão sobre o outro a partir das experiências compartilhadas. O texto literário, em particular, pode servir como um caminho para a emancipação humana, pois possibilita a formulação de questionamentos e reflexões que fortalecem o pensamento crítico, capacitando o indivíduo a lutar ativamente por sua liberdade.

Carvalho (2015), ressalta que:

A experiência com o texto literário pode não apenas tocar emocionalmente o leitor, como também favorecer um pensamento crítico acerca de questões éticas, políticas, sociais e ideológicas, além de levar a uma análise das estratégias linguísticas de construção desse texto. [...]é uma forma ativa de lazer e conhecimentos. (Carvalho, 2015, p. 6).

Michele Petit, no livro *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje* (2019), diz que:

A literatura ajuda a viver e a dar sentido à nossa vida; ela diz a experiência humana, amplia nosso universo, expande ao infinito a possibilidade de interagir com os outros, de pensar e sentir assumindo o ponto de vista deles, ela desperta nossas capacidades de associação. (Petit, 2019, p. 178).

Isso provavelmente ocorre porque, para alguns leitores, a literatura os transporta para outra dimensão, para um universo distinto. Observa-se na reflexão de Petit (2023) que ela amplia essa ideia ao também destacar a importância de não reduzir a língua a um mero instrumento utilitário.

Os leitores e leitoras fazem referência a uma necessidade antropológica, a de outra dimensão graças à qual a vida psíquica pode se desenvolver, se dizer, se transformar, e o mundo interior adquire uma forma mais habitável. Uma dimensão que permite em seguida voltar ao mundo que chamamos real, sentindo-se um pouco menos perdidos. E isso, graças a uma língua que não é reduzida a uma dimensão utilitária, mas que é dotada de qualidades estéticas, de ritmo, de metáforas, de uma construção surpreendente (Petit, 2023, p. 124).

Martins (1982) destaca que a leitura é um processo intrínseco à vida humana, presente desde o nascimento. Ele argumenta que aprender a ler não ocorre necessariamente da forma tradicionalmente conhecida, mas através da experiência de viver. Segundo Martins, ler significa atribuir significado às coisas, é um ato de produzir sentido. Acrescentando:

Na verdade, o leitor preexiste a descoberta do significado das palavras escritas; foi se configurando no decorrer das experiências de vida, desde os mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e culturalmente circundante (Martins, 1982, p. 17).

Seguindo essa linha de raciocínio, Lajolo (2006) enfatiza que ninguém nasce sabendo ler, é algo que se aprende ao longo da vida. Mais uma vez, destaca-se a importância da interação, já que é por meio dela que muitas aprendizagens se concretizam.

A leitura e a literatura desempenham um papel essencial na preservação e na transmissão cultural, conectando diferentes gerações por meio de histórias e tradições que as aproximam. No entanto, é importante ressaltar que a literatura não tem uma função puramente utilitária, não sendo criada para atender a um objetivo específico. Ainda assim, de forma indireta, ela frequentemente assume funções sociais e emocionais valiosas na vida do leitor.

No texto “As razões do direito à literatura”, Luiz Percival Leme Britto sintetiza essa ideia ao afirmar: "Para que serve a literatura? Para nada e para tudo", destacando o paradoxo de sua importância.

A literatura não presta para nada. A poesia, o romance, o conto, a crônica, às narrativas fantásticas e as de cotidiano, as histórias e fatos que não aconteceram e que podiam ou podem acontecer – a literatura não forma nem conforma os espíritos, não salva nem consola, não ensina nem estimula. Enfim, não se presta muito para coisas práticas e aplicadas. Não produz realidades mensuráveis e negociáveis. A literatura presta para tudo. O texto literário é um convite a uma ação desinteressada, gratuita, uma ação que não espera que dela resulte lucro ou benefício. É o simples por-se em movimento, para sentir-se e existir num tempo suspenso na história, um tempo em que a pessoa se faz somente para si, para ser, um tempo de indagação e contemplação, de êxtase e sofrimento, de amor e angústia, de alívio e esperança, disso tudo de uma só vez e para sempre. Nela a gente se forma e se conforma, perde-se e salva-se, se consola e se estimula, aprende e ensina a viver em realidades incomensuráveis, ainda que realmente intangíveis (Brito, 2015, p. 53).

Seguindo a mesma perspectiva, destaca-se Rosângela Vieira Rocha, jornalista e escritora de obras voltadas tanto para o público adulto quanto infantil, que afirma:

Não creio que a literatura tenha uma função específica. É tão independente e autônoma que seu valor é intrínseco, sua finalidade termina em si mesma. Ela não precisa servir a nada, a causa alguma, tem total liberdade. Não a vejo vinculada ao que quer que seja e não é feita para que o leitor entenda alguma coisa. Se é de boa qualidade, aí sim, pode conduzir o leitor a uma visão diferente de mundo, mesmo que o/a autor/a não tenha levado em conta nenhum objetivo determinado, no momento da criação. Literatura não é panfleto e nem livro didático, não é feita para educar. Seu compromisso é muito mais amplo (Rocha, 2021, s/p).

A forma como interpretamos o mundo, construímos quem somos e interagimos uns com os outros é profundamente influenciada pela leitura e pela literatura enquanto práticas sociais. Ao nos confrontarmos com textos, valores e convicções, a leitura se torna uma ação que ecoa no ambiente social que a cerca. A literatura, em contrapartida, nos dá os meios para entender e desafiar o que nos rodeia, incentivando o pensamento crítico e a liberdade pessoal.

Entender um texto vai muito além de simplesmente reconhecer as palavras, é uma atividade viva, onde quem lê se conecta com o que está escrito, usando o que já sabe, sua cultura e o mundo ao seu redor. Ler de verdade significa construir sentidos, entender o que está sendo dito e pensar sobre as ideias e sobre os valores que o texto carrega.

A literatura, com suas várias formas de contar histórias (poemas, livros, peças, etc.), nos permite mergulhar na complexidade da vida, experimentar outras vidas e questionar o que consideramos normal. Ela nos ajuda a sentir o que o outro sente, a entender as pessoas e a pensar de forma crítica sobre o mundo em que vivemos.

Ao mergulhar nas complexidades da existência e dos laços que nos unem, a literatura se firma como um ponto de encontro, um palco para a partilha de visões de mundo e vivências diversas. A experiência de ler um livro, por exemplo, tem o potencial de suscitar debates acalorados, momentos de introspecção e o enriquecimento mútuo através da troca de pensamentos.

As criações literárias não surgem com o objetivo de cumprir uma função prática ou utilitária, como simplesmente informar ou ensinar algo. Em vez disso, elas se dedicam a investigar a fundo a vivência humana, provocando sentimentos e pensamentos, e incentivando a nossa capacidade de imaginar. Ao contrário da linguagem comum, que procura passar informações de maneira direta e sem ambiguidades, a linguagem usada na literatura é pessoal, cheia de significados implícitos e permite diversas leituras.

Entretanto, levando em considerando as amplas possibilidades que a literatura oferece, mesmo sem possuir um caráter estritamente utilitário, este capítulo aborda, por meio de suas respectivas subdivisões, as definições e os desdobramentos da literatura. Para tanto, fundamenta-se nas reflexões propostas por alguns teóricos essenciais que sustentam esta pesquisa.

1.1 O que vem a ser literatura e qual a sua função

Conceituar a palavra literatura é um desafio, possivelmente devido à sua abrangência e complexidade. O termo, que tem origem no latim, *littera* (letra), representa

uma das mais marcantes manifestações artísticas da humanidade. Como arte das palavras, a literatura combina comunicação, linguagem e criatividade. Segundo Aristóteles, uma das definições mais antigas do termo descreve a literatura como uma manifestação ou representação da realidade por meio das palavras.

Ao longo dos séculos, a literatura, em prosa ou verso, tem encantado gerações. Seu conceito pode abranger tanto o conjunto de histórias fictícias criadas em diversos contextos históricos e culturais quanto formas específicas como poemas, romances, contos, crônicas e novelas. Independentemente da época, seu papel na sociedade é inegável, pois instiga sentimentos e reflexões nos leitores desde o seu surgimento como forma de arte.

Através da literatura, ou seja, por meio da arte da palavra, é possível reinterpretar e ressignificar a realidade. Dotada de um valor estético que confere ao texto maior subjetividade, expressividade e carga emocional, ela intensifica a relação do leitor com o que está escrito. Essa conexão cria um espaço único de envolvimento que vai além da simples leitura.

Mais do que uma ferramenta artística, a literatura utiliza a linguagem para trazer à tona obras que exploram a imaginação, as emoções e as experiências humanas. A leitura literária proporciona sensações de liberdade e prazer ao estimular a imaginação, provocar emoção e fomentar uma profunda interação com personagens e narrativas. Esses elementos podem ser vivenciados em diversos contextos, inclusive em espaços ao ar livre ou ambientes menos convencionais.

Uma das funções primordiais da literatura é a recriação do real. É nessa perspectiva que Cândido propõe sua definição de literatura, reforçando seu poder de reinterpretar a vida e ampliar horizontes por meio da linguagem artística.

A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (Candido, 1972, p.53).

Para Cândido (1972), a literatura possui uma função humanizadora, que se divide em três aspectos: função psicológica, função formadora e função social. A função psicológica está associada à necessidade humana de fantasiar, enquanto a função formadora diz respeito à capacidade da literatura de atuar como um instrumento educativo, revelando realidades que muitas vezes a ideologia dominante busca ocultar. Já a função social refere-se à identificação do leitor com o universo vivencial representado na obra literária. Assim, percebe-se que a

literatura desempenha um papel essencial ao contribuir para a formação pessoal e social, além de fomentar o desenvolvimento da imaginação do leitor.

De maneira semelhante à concepção de Cândido, Coutinho (1978) define que “compreende-se a literatura como a transfiguração do real, a realidade recriada através do espírito do artista e transmitida através da língua para as formas que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e uma nova realidade” (Coutinho, 1978, p. 9). Barengi (2019) compreende a literatura como sendo

A literatura é uma técnica de “instrução da imaginação” que não serve simplesmente para “comunicar”, mas para fazer viver experiências simuladas. Por meio de uma prática de simulação socialmente compartilhada (portanto, diferente da fantasia individual), o leitor tem a possibilidade de ampliar o conjunto de sua experiência existencial: de clareá-la e enriquecê-la, articulá-la e ampliá-la, adquirindo assim novos instrumentos para enfrentar os desafios da vida real (Barengi, 2019, p. 64).

Segundo Zilberman (2005), a literatura possui ampla liberdade para desenvolver essas características através da experiência e da imaginação. Assim, ao explorar diferentes situações, as obras literárias proporcionam ao leitor uma jornada enriquecedora, tanto no campo cognitivo quanto no socioemocional.

A literatura é um tipo de arte que acompanha o progresso do mundo e, simultaneamente, é atemporal, pois a obra literária transcende as restrições do tempo, mantendo sua relevância para os leitores de diversas épocas. Portanto, a literatura é um componente cultural crucial na disseminação de conhecimentos e entretenimento para aqueles que a apreciam. Para Antoine Compagnon (2009), a literatura não se limita a uma função única ou a uma utilidade prática específica, mas engloba inúmeras e significativas funções. Em sua obra *Literatura para quê?* suas ideias tornam-se evidentes ao demonstrar que: A literatura deve ser lida e estudada pelo fato de proporcionar um meio – alguns dirão mesmo o único – de preservar e de transmitir a experiência dos outros e de nos expor a experiência e valores que não os nossos (Compagnon, 2009, p. 47).

A literatura para crianças tem como a possibilidade de impulsionar o crescimento completo dos pequenos, proporcionando diversão, aprendizado, amadurecimento dos sentimentos, incentivo à fantasia e aprimoramento do pensamento crítico e, ainda, cultivando o prazer de ler.

Desse modo, a literatura infantil age como um portal para o mundo da leitura, mesmo que não tenha uma finalidade prática imediata, ao despertar a curiosidade e o fascínio pelas narrativas nos pequenos leitores.

A literatura infantil apresenta-se como uma rica fonte de ideias para as crianças, encorajando a sua capacidade de imaginar, de inventar e a sua habilidade de se expressar de maneira única.

Assim, a literatura tem o poder de expandir nossos horizontes, enriquecendo nossas perspectivas e formas de enxergar o mundo. Embora possamos recorrer a diversas definições e funções da literatura baseando-nos em diferentes teóricos, neste caso, optamos por nos concentrar nas ideias aqui expostas. Elas têm como objetivo despertar a curiosidade sobre esse vasto e fascinante universo literário.

1.2 Literatura para o leitor criança e suas características

Incorporar na rotina das crianças, desde cedo, o hábito de interagir e explorar diferentes tipos de livros pode ser uma das maneiras mais eficazes para estimulá-las a desenvolverem o gosto pela literatura. Incentivar a prática da leitura na infância é crucial para formar adultos que apreciem esse hábito.

No Brasil, a literatura infantil começou a ganhar destaque e se expandir após a Proclamação da República, impulsionada pelas mudanças e inovações trazidas nesse período, incluindo a maior democratização do acesso à educação. Lajolo e Zilberman elucidam que:

A literatura infantil brasileira só veio a surgir muito tempo depois, quase no século XX, muito embora ao longo do século XIX reponte, registrada aqui e ali, a notícia do aparecimento de uma ou outra obra destinada a crianças (Lajolo; Zilberman, 2010, p. 23).

Ao abordarmos a literatura infantil no Brasil, é quase inevitável pensar em Monteiro Lobato como um dos grandes precursores do gênero. Considerado por muitos como o pai da literatura infantil brasileira, seu legado permanece vivo através de diversas obras que continuam a cativar gerações de crianças. Segundo Zilberman (1985), é em Monteiro Lobato que a literatura infantil encontra uma chance de se afirmar e ganhar destaque.

O papel exercido por Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. É com este autor que se rompe (ou melhor, começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante na época, ou seja, a pequena propriedade rural, constrói Monteiro Lobato uma realidade ficcional o que acontece pela invenção do Sítio do Pica Pau Amarelo (Zilberman, 1981, p. 48).

Além de Monteiro Lobato, a literatura brasileira conta com outros grandes escritores, como Cecília Meireles, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, e Ziraldo, entre outros. Suas obras dedicadas ao público infantil encantam e servem como porta de entrada para o fascinante universo da leitura.

Conforme Abramovich (1997), ao ouvir histórias, as crianças passam a compreender de forma mais clara os sentimentos que têm em relação ao mundo. As narrativas ajudam a lidar com questões existenciais típicas da infância, como medos, sentimentos de inveja e carinho, curiosidade, dor e perda, enquanto também ensinam variados temas.

Assim, quanto mais cedo a criança for apresentada aos livros e descobrir o prazer que a leitura proporciona, maior será a chance de se tornar um adulto leitor. Além disso, a leitura contribui para que a criança desenvolva uma postura crítico-reflexiva essencial à sua formação cognitiva.

O livro deve, assim, constituir-se como mais um elemento de acesso à cultura e à arte, ofertado desde os primeiros anos da vida da criança pelo adulto. Dentre as razões que nos permitem defender o encontro precoce da criança com o livro estão, principalmente, dois: contar com bons livros permite-nos observar as crianças em atuação, possibilitando-nos reconhecer seus gostos e interesses e alimentar uma revisão permanente da intervenção cultural que em termos de cultura escrita semeamos; e, ainda, a leitura oferece recursos de encontro e conversas através dos livros, favorecendo o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Além disso, o acesso a bons livros possibilita à criança aprender a ser empática, a colocar-se no lugar de outras pessoas, em outros lugares, bem como aprender a descobrir o significado de comprometer-se emocionalmente e descentrar-se de si mesma, capacidades estas, importantes desde a mais tenra idade (Navas 2017, p. 55).

A autora ressalta a importância da literatura para crianças, argumentando que a interação das mesmas com os livros, mediada por um adulto, deve abranger elementos intrinsecamente ligados ao universo infantil, tais como o afeto, a linguagem, a imaginação e a memória. Também ressalta que não é por serem pequenos leitores que se deve descuidar da qualidade do que lhes será oferecido.

Diferentemente do que se poderia imaginar, escrever para crianças não é tarefa fácil. Apesar da pouca idade, estamos diante de leitores exigentes, que precisam ser seduzidos pelo livro, um objeto que valoriza, na contemporaneidade, o diálogo entre texto, ilustração e aspectos gráficos, em um processo de coautoria (Navas 2017, p. 57).

Para que a literatura infantil realmente cativasse o público a qual se destina, promovendo tanto o desenvolvimento pessoal quanto interpessoal e despertando o prazer pela leitura, é essencial considerar a importância de oferecer livros que sejam envolventes e de

qualidade significativa. Disponibilizar às crianças uma diversidade de gêneros literários pode ser uma estratégia eficaz para incentivá-las a desenvolverem o hábito e o gosto pela leitura.

Se, ao considerarmos uma obra literária, geralmente pensávamos apenas em um texto habilmente elaborado, composto por palavras e frases organizadas de forma linear para representar personagens, ações, espaços, tempos, pensamentos e sentimentos, essa não é mais a realidade atual. A textura e a gramatura do papel, as cores, a diagramação, a tipografia, o layout e até mesmo a presença de ilustrações, assumem papel narrativo, demandando-nos, diante de uma obra literária, analisar não apenas as palavras, mas também a própria página (e a obra como um todo) em sua manifestação material (Navas, 2024, p. 1).

Coelho (1981) já defendia que a literatura para crianças é um objeto que desperta emoções, entretém, proporciona prazer, altera a consciência de quem a lê e ensina formas de perceber o mundo, pensar, reagir e criar. No livro *A literatura infantil: história, teoria, análise*, Coelho (1981) discorre sobre o tema, aprofundando essa perspectiva: “Os livros destinados às crianças não podem ser entendidos plenamente sem a compreensão de algumas particularidades que ultrapassam a ideia imediata de “[...] belos livros, coloridos e a alegria de crianças a folheá-los [...]” (Coelho, 1981, p. 17).

Desde a década de 1970, a autora vinha desenvolvendo reflexões sobre a importância do ludismo e do entretenimento na literatura infantil. Para ela, esse tipo de literatura pode ser entendido como um meio de provocar emoções, proporcionar prazer e diversão, enquanto transforma a consciência de quem lê. Além disso, ensina diferentes formas de enxergar o mundo, viver, pensar, reagir e criar. Com base nesse entendimento, a autora afirma:

[...] o caráter lúdico, emotivo ou afetivo da literatura (principalmente da que é destinada ao público mirim) é qualidade sine qua non para a sua existência plena e positiva. Entretanto, não é só o prazer que conta. Simultaneamente à “diversão” da leitura, a criança precisa começar a descobrir (sem saber que o está descobrindo...) que Literatura é algo mais do que um simples passatempo (Coelho, 1981, p. 18).

A literatura infantil pode ser a chave para introduzir as crianças ao fascinante universo proporcionado pelas obras literárias de qualidade. No entanto, ela também pode passar despercebida, sem causar impacto ou estimular a curiosidade que leva ao desejo por novas leituras. Tudo depende do material disponibilizado e da forma como o adulto media o encontro entre a criança e a obra.

Para cativar os pequenos leitores, os autores desse gênero desenvolvem obras que vão além da narrativa, incorporando elementos essenciais como ilustrações, design gráfico e

outros recursos visuais e sensoriais. Isso se reflete na diversidade de formatos disponíveis atualmente, como o livro ilustrado, o livro imagem e o livro-objeto.

O livro ilustrado é caracterizado pela interação entre texto e imagem, onde ambos se complementam. Segundo Hunt (2010), nesse formato, as palavras podem ampliar, contradizer, expandir, ecoar ou interpretar as imagens, e vice-versa. Linden (2011), por sua vez, ressalta que a leitura de um livro ilustrado requer a apreciação integrada do conjunto da obra oferecida ao leitor, destacando sua riqueza e complexidade. Por isso:

Ler um livro ilustrado não se resume a ler texto e imagem. É isso, e muito mais. Ler um livro ilustrado é também apreciar o uso de um formato, de enquadramentos, da relação entre capa e guardas com seu conteúdo; é também associar representações, optar por uma ordem de leitura no espaço da página, afinar a poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação à outra... Ler um livro ilustrado depende certamente da formação do leitor (Linden, 2011, p. 8-9).

O livro-imagem, por sua vez, não contém texto escrito, toda a narrativa se desenvolve por meio das imagens que vão sendo apresentadas. Para Carneiro (2008), os livros-imagem são aqueles que se utilizam exclusivamente de ilustrações para compor a história, proporcionando uma rica elaboração na linguagem visual. Seguindo essa mesma perspectiva, Camargo (1995, p.70) afirma que os livros-imagem são obras sem texto, onde as imagens assumem a responsabilidade de narrar a história. A leitura literária promovida com o uso de livros-imagem estimula a imaginação infantil de maneira lúdica e prazerosa.

Já o livro-objeto distingue-se por oferecer uma variedade de experiências, incluindo interações físicas e sensoriais. A combinação entre linguagens e imagens nesse tipo de obra favorece tanto a interpretação quanto a interação do leitor com o livro. Nesse contexto, o leitor assume um papel mais ativo, havendo uma interação mais profunda e uma ludicidade mais evidente. Ramos (2017) destaca:

Enquanto objeto experimental, claramente destinado a explorar as possibilidades e os limites do livro, os livros-objeto contemplam a dimensão física, interativa, lúdica, experimental/laboratorial, tirando partido da materialidade do livro e da sua construção. (Ramos, 2017, p. 15).

Independentemente do tipo de livro, seja ele ilustrado, livro-imagem ou livro-objeto, é importante lembrar que todos podem compartilhar um traço em comum: a multimodalidade. Isso significa que são textos compostos por diversas linguagens. Nesse contexto, Navas (2024) observa que o leitor não exerce um papel passivo, pois diante da leitura

de um texto literário multimodal, espera-se mais do que apenas a observação ou descrição dos recursos semióticos envolvidos.

É fundamental que a criança se encante com o ato de ler para que essa atividade se torne prazerosa. Por isso, é necessário refletir sobre que tipo de livro pode proporcionar esse encantamento. Os livros destinados ao público infantil devem ser capazes de despertar momentos de descoberta, deleite e riqueza emocional. Quando esses elementos estão presentes, a criança começa a cultivar uma relação de afeto e satisfação com a leitura. Sobre isso, Fernandes (2010) argumenta que:

É através da exploração de elementos simbólicos presente nos livros, ou seja, da magia da leitura, que tornam-se possível que haja a socialização de conhecimentos e experiências, o livro pode assumir um domínio sobre o leitor, que em constante estado de interesse por descobertas passa a se relacionar com a leitura, e desejar o contato com o livro, sentindo falta de sua magia (Fernandes 2010, p. 25).

Ler é um hábito que precisa ser incentivado desde a infância. Quando as crianças têm contato com um universo literário variado, como livros ilustrados, livros-imagem e livros-objeto, seu potencial imaginativo é amplamente estimulado. Ao se envolverem com cada obra, elas descobrem que a prática da leitura pode estar diretamente relacionada a uma experiência prazerosa e satisfatória.

CAPÍTULO II – A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À LITERATURA INFANTIL: UMA NECESSIDADE UNIVERSAL

Ao refletir sobre a democratização do acesso à literatura infantil, é inevitável lembrar as ideias apresentadas por Silva (2023). Segundo o autor, na década de 1980, com o início do processo de redemocratização no Brasil, a literatura ganhou destaque nas políticas públicas. Foi nesse período que ações mais direcionadas começaram a ser planejadas, especialmente no que diz respeito à distribuição de livros e à inserção da literatura no ambiente escolar. Esse movimento foi impulsionado pela transformação na própria concepção de escola, que passou a se reformular. Com as mudanças políticas da época, a visão de escola evoluiu, incorporando uma perspectiva mais democrática. Essa nova abordagem promovia maior participação de diferentes agentes escolares nas decisões e na construção de uma educação mais inclusiva e colaborativa. Para Oliveira,

no processo de luta pelo retorno à democracia, na década de 1980, o tema gestão democrática integrava a pauta dos educadores que reivindicavam, entre outros, mecanismos de participação - eleição de dirigentes escolares, instituição de conselhos escolares, elaboração de regimento e de projeto pedagógico de forma coletiva, exclusividade do financiamento da escola pública pelo poder público (Oliveira, 2019, p. 220).

Ao refletir sobre a literatura como um direito universal, conforme argumentado por Cândido (2021), torna-se evidente que tal direito não pode ser dissociado das políticas públicas. Sua garantia depende, necessariamente, da implementação de diretrizes específicas que visem esse propósito. Assim, democratizar o acesso à literatura implica prioritariamente na criação de políticas públicas que assegurem a ampla distribuição de livros literários e sua acessibilidade em diferentes espaços, indo além dos limites escolares.

O contato com obras literárias tem o potencial de estimular nos leitores uma visão mais ampla do mundo, despertar a sensibilidade para outras formas de arte, fomentar o senso crítico e promover muitas outras transformações. Contudo, o que se observa nos últimos anos é um retrocesso no âmbito das políticas públicas voltadas para esse setor, especialmente a partir de 2016, durante o governo de Michel Temer, e posteriormente na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Foi inclusive na gestão de Temer que houve a implementação de medidas de austeridade fiscal, como a Emenda Constitucional nº 95/2016, que congelou os gastos públicos por 20 anos, comprometendo investimentos essenciais na educação e inviabilizando metas do

Plano Nacional de Educação (PNE). Além disso, a reforma do ensino médio, aprovada pela Lei nº 13.415/2017, promoveu alterações curriculares que, segundo especialistas, ampliaram as desigualdades educacionais ao flexibilizar disciplinas fundamentais e favorecer uma formação técnica em detrimento de uma educação crítica e cidadã.

No governo de Jair Bolsonaro, os retrocessos se aprofundaram com cortes orçamentários significativos, atingindo desde a educação infantil até o ensino superior. Houve uma redução de 25% no orçamento das universidades federais desde 2019, além de cortes expressivos em programas de apoio à educação básica. A gestão também foi marcada por uma agenda ideológica que desvalorizou a diversidade e os direitos humanos na educação, exemplificada pela extinção da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) e pela promoção de políticas como o ensino domiciliar, que desconsideram o papel social da escola. Tais ações refletem uma postura negacionista e autoritária, comprometendo o direito à educação de qualidade e aprofundando as desigualdades sociais existentes.

Quando políticas públicas são fragilizadas ou descontinuadas, o acesso à literatura também se restringe, sobretudo para as crianças das periferias e de grupos historicamente marginalizados. A literatura, nesse cenário, deixa de ser um direito universal e passa a ser um privilégio. A importância da literatura para as crianças, especialmente para aquelas em contextos de vulnerabilidade social, reside no seu poder de humanização, emancipação e criação de sentido para o mundo.

Como destacam autores como Antônio Cândido (2004), a literatura "nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza". Para as infâncias que crescem à margem, a literatura é mais do que entretenimento: é uma forma de pertencimento, reconhecimento e resistência simbólica. A ausência de investimento em políticas de leitura impacta diretamente o direito dessas crianças de sonhar e imaginar outros mundos possíveis.

Como pontua Michele Petit (2019), "a literatura amplia o universo simbólico e emocional dos leitores, permitindo-lhes desenvolver uma identidade mais sólida, reflexiva e criativa". Em ambientes desemparedados, como os quiosques literários, essa experiência torna-se ainda mais potente, pois se associa à liberdade de escolha, à autonomia e ao prazer. Portanto, a literatura infantil, quando garantida como um direito e não como uma exceção, transforma-se em instrumento de justiça social. Ela rompe o ciclo de silenciamento imposto às crianças das periferias, dá voz às suas vivências e os meios para imaginar novos futuros. A leitura, quando acessível e significativa, não apenas educa, ela cura, liberta e fortalece.

A literatura, entre suas múltiplas funções, carrega a capacidade de provocar reflexões críticas no leitor, levantar inquietações e questionamentos sobre política e questões sociais. Possivelmente é nesse aspecto que reside uma das razões para o desinvestimento e para o descaso nessa área. A ausência de investimentos parece estar atrelada a uma intenção velada de opressão desses questionamentos por meio da negligência à arte e aos movimentos que poderiam canalizar insatisfações.

2.1 O que já foi feito pela leitura e literatura através dos programas do livro ou das políticas públicas no Brasil

A década de 1980 trouxe ao Brasil um novo panorama, algo claramente percebido também no ambiente escolar. Antes desse período, havia uma abordagem limitadora nas escolas, com uma forte intenção de controle voltada para a disseminação de valores moralistas e nacionalistas. No entanto, a partir de então, começou a surgir um esforço para implementar políticas de leitura que facilitassem às escolas o acesso a livros literários variados.

Uma das primeiras inovações foi o lançamento do Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL), cujo objetivo era criar salas de leitura abastecidas com acervos literários para serem utilizados nas instituições de ensino. Entre 1980 e 1986, o programa distribuiu 4.131.049 títulos a 33.664 escolas em todo o país. Em 1988, o nome do programa foi alterado para "Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares". Porém, não bastava apenas distribuir os livros, era crucial garantir seu uso efetivo, e o papel do professor revelava-se indispensável nesse processo.

O PNSL estava integrado a uma estrutura mais abrangente, vinculada à Fundação de Assistência ao Estudante (FAE). Apesar dessa importante iniciativa de diversificação literária nas escolas, ficou evidente que, para alcançar sucesso, o professor deveria assumir a função essencial de formar leitores. Em 1985, o Informe FAE apontava a preocupação dos técnicos e coordenadores do programa: a formação de profissionais capacitados era indispensável para garantir seus resultados. O relatório destacou que “sem uma mudança na postura dos professores em relação ao livro, o programa estava em risco de não atingir seus objetivos”. Apesar do impacto positivo causado pela distribuição de livros e criação de bibliotecas, o ano de 1996 marcou o encerramento do programa.

Além do PNSL, outras iniciativas públicas foram criadas visando a formação de leitores. Um exemplo foi o Pró-Leitura, lançado em 1992, que focava especificamente na capacitação de professores. Segundo um estudo publicado pela UFMG com o apoio do MEC, o Pró-Leitura buscava interligar os três níveis do sistema educacional. A proposta envolvia

alunos e docentes do Ensino Fundamental, professores em formação e pesquisadores, promovendo tanto a criação de bibliotecas quanto o uso qualificado dos acervos distribuídos. No entanto, assim como o PNSL, o Pró-Leitura foi descontinuado apenas quatro anos após sua implementação.

Ao longo dos anos, várias tentativas foram feitas para instituir programas destinados à promoção da leitura. Contudo, muitos desses projetos tiveram vida curta, possivelmente devido à falta de interesse político consistente ou à ausência de estratégias intencionais que sustentassem sua continuidade. Em menos de uma década após a implementação da primeira política no âmbito federal voltada à formação de leitores, houve a criação e extinção de três programas distintos, evidenciando uma articulação frágil e a insuficiência de comprometimento político no tema.

Entre os programas idealizados, destaca-se um que conseguiu se manter ativo: o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), fundado em 1992. Esse programa diferencia-se pelo compromisso político com sua permanência e pelas parcerias estabelecidas desde sua origem. Vinculado à Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e ao Ministério da Cultura (MINC), o PROLER tem como foco a democratização do acesso à informação para grande parte da população, seja ela leitora ou não, com o objetivo de combater mecanismos de exclusão social. De acordo com Soares (2002, p. 81), o programa busca reduzir as desigualdades através do acesso inclusivo às informações que sustentam as sociedades contemporâneas. Dentre suas ações se destacam:

- Formação de uma rede nacional de incentivo à leitura;
- Cursos de formação de promotores de leitura;
- Assessoria para implementação de projetos de promoção da leitura;
- Implementação da política de incentivo à leitura na Casa da Leitura, com cursos, palestras e outras atividades;
- Criação da rede de referência e documentação em leitura;
- Assessoria para a implantação de bibliotecas para crianças, jovens e adultos;
- Sistema de acompanhamento e avaliação (PROLER, 1998, p. 18).

O PROLER, em seu início, buscava atuar junto à rede escolar com o objetivo de promover o uso do livro literário. Esse trabalho se manteve até 2002, quando, segundo Pszczol (2009), transformações políticas impactaram a continuidade das ações, que só foram retomadas em 2006. Apesar das dificuldades vividas, o PROLER conseguiu se reestruturar e ganhar força novamente. A partir dessa retomada, com vínculo direto à FBN e sob nova coordenação, o projeto passou a se aproximar de outros programas e instituições, formalizando novas parcerias com o intuito de ampliar sua presença em municípios e comunidades em todo o Brasil.

No primeiro mandato do governo Lula, iniciado em 2003, foram criados o Programa Livro Aberto e o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). O Programa Livro Aberto deu início a um importante movimento voltado para a expansão do número de bibliotecas públicas no país e a modernização das existentes. Entre 2004 e 2011, período de vigência do programa, foram implantadas 1.705 novas bibliotecas e modernizadas 682. Estas ações eram realizadas por meio de contratos de comodato firmados entre a FBN e as prefeituras beneficiadas, assegurando o fornecimento de equipamentos tecnológicos, mobília e acervo.

O PNLL, por sua vez, estabeleceu diretrizes fundamentais com o propósito de democratizar o acesso ao livro, valorizar a leitura e fortalecer a cadeia produtiva do livro, reconhecendo seu papel central no fomento da produção intelectual e no desenvolvimento econômico nacional. Essas diretrizes partem do princípio da formação de uma sociedade leitora como base essencial para promover a inclusão social em suas mais diversas dimensões.

A criação do PNLL remonta ao Ano Ibero-Americano da Leitura em 2005, que também originou o Prêmio VivaLeitura. Entre 2005 e 2006, foram realizadas mais de 150 reuniões em todo o país para discutir sugestões importantes com vistas à elaboração de um plano de governo. Esses debates contaram com a participação de representantes de toda a cadeia produtiva do livro – editores, livreiros, distribuidores, gráficas, fabricantes de papel, escritores e diversos outros profissionais –, além de educadores, bibliotecários, universidades, especialistas em leitura, organizações da sociedade civil, empresas públicas e privadas, governos estaduais e municipais.

No entanto, o PNLL foi completamente desarticulado durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, ficando sem recursos em 2016 e sendo oficialmente revogado em 2018. Apesar disso, nenhuma iniciativa política foi tomada para reativá-lo, deixando-o engavetado, o que representou um significativo retrocesso no setor.

Outro esforço relevante foi o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), uma iniciativa governamental destinada à distribuição de obras literárias e didáticas às bibliotecas escolares públicas de ensino fundamental. O programa buscava suprir a falta desses recursos ao longo do tempo. Os acervos literários eram enviados às escolas com base nos dados do censo escolar, garantindo que todas fossem beneficiadas. Essa política pública teve como principal objetivo incentivar a leitura e passou por diversas reformulações ao longo dos anos para alcançar resultados mais expressivos, ampliando seu alcance tanto na quantidade, quanto na diversidade dos acervos distribuídos. Criado em 1998, o PNBE foi extinto em 2017. Ainda assim é lembrado como uma iniciativa bem-sucedida na democratização do acesso à literatura no país.

Ao longo de sua trajetória, o PNBE buscou qualificar os processos de avaliação das obras por meio da seleção de acervos que permitissem experiências significativas com os livros, promovendo, assim, a formação de leitores literários. Essa busca pela qualificação pode ser percebida na evolução do Programa, que começou com uma comissão técnica composta por cinco integrantes responsáveis pela seleção do acervo. Com o passar do tempo, desenvolveu-se um processo abrangente e complexo de triagem, avaliação e escolha das obras submetidas aos editais, contando com a participação de diversos especialistas, como professores de diferentes níveis e áreas de ensino.

O encerramento de um programa de tamanha abrangência, que trouxe inegáveis avanços ao país ao proporcionar acesso à leitura e, especialmente, à leitura literária, representa uma significativa perda no que diz respeito à aquisição de conhecimento e à ampliação dos horizontes que a leitura oferece, no entanto, essa descontinuidade ocorreu. Apesar de ter sido oficialmente encerrado em 2017, o PNBE já vinha sendo negligenciado por parte das autoridades nacionais. De fato, 2014 foi o último ano em que as escolas receberam os acervos proporcionados pelo programa, segundo Silva.

Em entrevista ao G1, em setembro de 2017, Regina Zilberman, especialista em literatura e conselheira para o Movimento por um Brasil Literário, destacou que o PNBE foi o principal programa de literatura já implementado no Brasil. Ela criticou o fato de o programa ter sido encerrado sem qualquer explicação ou justificativa, compartilhando o mesmo destino de outros projetos governamentais voltados à promoção do livro e da leitura. Zilberman também alertou sobre o impacto dessa interrupção, afirmando que autores e editoras emergentes perdem a oportunidade de alcançar o público escolar, que constitui atualmente o maior mercado consumidor de literatura no país.

O renomado crítico literário Antônio Cândido defendia a literatura como um direito humano fundamental, enfatizando seu papel no desenvolvimento intelectual e emocional das pessoas. Segundo ele, a leitura de obras literárias é essencial para formar uma consciência crítica, ampliar horizontes e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e humanitária. Nas palavras de Cândido:

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Por estas razões, a literatura está relacionada com a luta pelos direitos humanos (Candido, 2004, p. 122).

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Candido, 2004, p. 113).

Atualmente, no que se refere às políticas públicas de incentivo à leitura, destaca-se o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que abrange tanto a compra e a distribuição de livros didáticos, quanto de livros paradidáticos. A partir da integração das políticas voltadas à literatura, o programa passou a incluir o PNLD Literário, que se originou de um enfoque previamente exclusivo ao material didático. Até 2017, o PNLD centralizava suas ações na avaliação e distribuição de livros didáticos, mas com o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, durante o governo de Michel Temer, sua abrangência foi ampliada para incluir os livros paradidáticos.

O PNLD Literário, entretanto, carrega um aspecto de escolarização da literatura, o que ignora a essência livre da arte literária, da mesma forma que outras formas de expressão artística não deveriam se limitar ao ambiente escolar. Essa prática acaba restringindo a liberdade de escolha que cada leitor deveria ter, em vez de garantir seu exercício pleno e voluntário. Como destacado por Soares (2008), tal liberdade é essencial à democracia: a literatura deve ser acessada por vontade própria e não por imposição ou necessidade.

Com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os prejuízos causados pela extinção do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) se tornaram ainda mais evidentes. A BNCC enfatiza a relevância da Educação Literária e da Leitura como pilares fundamentais na área de Linguagens, porém a ausência do PNBE representa um retrocesso nas políticas públicas voltadas para a democratização do acesso à literatura, objetivo no qual o programa inicialmente trouxe conquistas significativas.

Essa busca pela democratização do acesso à literatura é uma demanda urgente e não deve ser negligenciada por ações regressivas, como a extinção de programas fundamentais como o PNBE. Felizmente, o atual governo tem sinalizado esforços para reverter esses danos. No dia 5 de setembro deste ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou um decreto que regulamenta a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE).

Além disso, o ministro Camilo Santana aprovou o novo edital do PNLD Equidade, bem como uma suplementação de R\$ 50 milhões para a aquisição de acervos literários destinados à Educação Infantil pelo PNLD. O PNLD Equidade busca distribuir livros literários que abordem temas importantes relacionados à promoção da equidade, como a cultura e história

dos povos indígenas e afro-brasileiros, além da valorização dos direitos humanos. Neste ano, com o Decreto nº 12.021/2024, as ações do programa foram ampliadas para incluir bibliotecas públicas e comunitárias na aquisição de acervos. Na ocasião da assinatura, o presidente reforçou a importância desta iniciativa enquanto política pública essencial para democratizar o acesso à leitura e impulsionar a inclusão social.

Toda criança tem o direito à leitura e de se tornar um jovem ou adulto leitor”. Por isso, cada uma das 6 mil bibliotecas públicas do Brasil vai receber um acervo inicial de 800 obras literárias. E, a partir de agora, os novos conjuntos habitacionais do Minha Casa, Minha Vida ganharão bibliotecas com 500 livros à disposição das famílias.

Além do edital, o Ministério da Educação (MEC) realizará uma consulta online dirigida a dirigentes e secretários municipais de todo o Brasil. O objetivo é coletar informações sobre a integração das obras do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) nas práticas pedagógicas do dia a dia das instituições de ensino. Essa pesquisa inédita, cujo link foi enviado por e-mail aos gestores, estará disponível para respostas até 31 de janeiro. Além disso, o formulário também pode ser acessado via o Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle do Ministério da Educação (Simec).

Para que a literatura se torne verdadeiramente um direito universal, rompendo com sua condição de privilégio para algumas classes ou simples aspiração para outras, Cândido (2004) defende a necessidade de organizar a sociedade de forma que se garanta uma distribuição equitativa dos bens culturais. Ele sustenta que apenas em uma sociedade na qual a igualdade seja parte essencial será possível permitir a circulação plena dos livros.

Em alinhamento com essa perspectiva, ao defender a democratização da leitura e o amplo acesso a ela, a professora Lucília Helena do Carmo Garcez afirma:

[...] podemos compartilhar a consciência do direito de ler, porque, assim como a linguagem, os direitos são construções sociais, estabelecidos e conquistados em conjunto, no coração das lutas sociais. Como não se luta pelo que não se conhece, é necessário dar a conhecer a parcelas cada vez mais largas da sociedade as infinitas possibilidades de leitura. Essa necessidade justifica a existência de tantos movimentos em prol da leitura (Garcez, 2000, p. 6).

O PNLD também estará presente nos acervos das vans do MovCEU, um equipamento cultural itinerante que reúne biblioteca, estúdio de produção audiovisual, cinema ao ar livre e palco para apresentações diversas. Foram destinados 2 mil exemplares do PNLD Literário para compor as bibliotecas desses veículos, que irão circular por cidades,

assentamentos rurais, áreas periféricas e territórios distantes dos centros urbanos com até 20 mil habitantes.

Diante disso, é possível perceber a construção de um cenário de esperança, considerando a intencionalidade expressa no decreto que institui o PNLE e outras iniciativas governamentais no âmbito Federal. Isso ressalta que democratizar o acesso à literatura exige vontade política, sendo o retrocesso vivido resultado do descaso ao qual o país foi submetido. Trata-se, portanto, de uma questão de prioridade. É indispensável garantir o direito à literatura como um bem cultural e necessidade universal, assegurando que a democratização desse acesso chegue efetivamente a todos os segmentos da sociedade.

2.2 O estado do Ceará como incentivador da leitura literária

Perrone Moisés, em 2016, destaca que a literatura possui um papel fundamental na vida das pessoas, sendo parte intrínseca do cotidiano. A autora sublinha que a literatura nos permite rir, chorar, viajar, refletir, compreender, assombrar e, sobretudo, nos encantar com a linguagem verbal e todas as suas possibilidades (Perrone-Moisés, 2016, p. 82).

No Ceará, o Governo do Estado implementa o Programa Aprendizagem na Idade Certa – MAISPAIC, em parceria com os municípios, com o objetivo prioritário de elevar a qualidade da leitura e da escrita entre os alunos da rede municipal. Em relação à literatura, o programa disponibiliza uma coleção diversificada com narrativas de autores cearenses, contribuindo para fomentar a leitura e valorizar a identidade cultural local.

O estado possui diversas iniciativas para democratizar o acesso à literatura infantil, promovidas por setores público e privado. Na esfera pública, em que se concentra a maioria das ações, destacam-se exemplos em diferentes regiões, do interior à capital. Entre essas iniciativas estão bibliotecas públicas e comunitárias, agentes de leitura, bienais do livro, campanhas como o Dia D da Leitura, clubes de leitura e quiosques literários. Projetos como esses têm sido fundamentais para encurtar distâncias na formação de novos leitores e oferecer oportunidades que antes foram limitadas ou negligenciadas.

O Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Ceará (SEBP/CE), vinculado à Secretaria da Cultura do Estado (Secult/CE), organiza e coordena redes de bibliotecas municipais e comunitárias. Criado pelo Decreto Estadual nº 14.152 de 25 de novembro de 1980, o SEBP/CE faz parte do Sistema Nacional de Bibliotecas (SNBP) e atua de forma descentralizada nas macrorregiões do estado. Atualmente, o Ceará conta com 203 bibliotecas municipais e 203 bibliotecas comunitárias cadastradas nesse sistema.

Um exemplo inspirador de biblioteca comunitária é o Livro Livre Curió, localizada na periferia de Fortaleza e criada por Talles Azigon, escritor local. A biblioteca oferece empréstimos gratuitos de livros, jogos, jornais e revistas, assim como promove diversas atividades artísticas, culturais, científicas e sociais que envolvem tanto a comunidade local quanto outras áreas periféricas da cidade.

Além da atualização periódica do cadastro estadual das bibliotecas públicas municipais e comunitárias, o SEBP/CE fornece recursos e apoio técnico que incluem:

- Doação de acervos bibliográficos, capacitações para bibliotecários, informatização de acervos pelo software Biblivre;
- Apoio técnico em políticas para formação de novos acervos;
- Promoção da leitura por meio de extensões realizadas pela rede;
- Sistematização e implementação de padrões para funcionamento das unidades;
- Incentivo ao compartilhamento de boas práticas e experiências bem-sucedidas;
- Desenvolvimento de estudos sobre a digitalização de acervos;
- Apoio aos programas da Secult para modernização dessas bibliotecas;
- Estímulo à aplicação de políticas municipais que favoreçam a atualização tecnológica das unidades;
- Articulação entre as bibliotecas como meio de integração regional e fortalecimento das políticas estaduais de leitura;
- Assessoria às bibliotecas interessadas em atuar como polos regionais no sistema.

Já o Projeto Agentes de Leitura do Ceará evidencia sua relevância como ação pioneira no Brasil desde 2006. Desenvolvido em parceria com o Fundo Estadual de Combate à Pobreza (FECOP), o projeto busca democratizar o acesso ao livro e promover mediação de leitura por meio de acervos que são, posteriormente, integrados às coleções das bibliotecas públicas municipais e comunitárias. Essas iniciativas refletem um esforço contínuo em tornar a literatura mais acessível e inclusiva para todas as comunidades do estado do Ceará.

No projeto mencionado, cada agente acompanha o desenvolvimento da leitura em 20 famílias previamente cadastradas, entre aquelas selecionadas pelas secretarias municipais de Educação de municípios do interior cearense com alta vulnerabilidade social. A seleção desses municípios é realizada com base em critérios técnicos e no Índice de Focalização dos Agentes de Leitura (IFAL), criado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), e definida pelo Fundo Estadual de Combate à Pobreza (FECOP). Entre 2015 e 2018, a

Secretaria da Cultura do Ceará (Secult) investiu cerca de R\$ 5 milhões no projeto, com a seleção de 196 agentes de leitura, beneficiando mais de 31 mil pessoas em 34 municípios do estado.

As Bienais do Livro fazem parte do calendário cultural das grandes capitais, reunindo personalidades renomadas do universo literário, promovendo debates, encontros culturais e oferecendo atividades recreativas para os visitantes. A Bienal Internacional do Livro do Ceará se insere em uma política cultural voltada para o incentivo à leitura e à literatura, consolidada há mais de uma década. Destacando-se como uma das cinco maiores feiras literárias do Brasil, o evento tem como diferencial sua associação a uma política robusta de estímulo às cadeias criativas e produtivas ligadas ao livro e ao conhecimento.

O Dia D da Leitura é uma ação promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME) com o propósito de estimular a prática da leitura literária e ampliar o repertório cultural dos estudantes. Realizada anualmente no dia 18 de abril em todas as unidades escolares da rede, a iniciativa promove atividades que incentivam a criatividade e o protagonismo dos alunos, com momentos literários variados que vão além do hábito diário de leitura já trabalhado na escola. Em várias salas de aula, há um cantinho da leitura, além de iniciativas como o passaporte da leitura e a sacola literária, que incentivam os alunos a levar livros para casa, promovendo a leitura em família. O Dia D da Leitura funciona como uma culminância dessas ações cotidianas.

Além dessa data, a SME realiza também a Mostra Literária anual, presente em todas as escolas da rede. O evento propicia aos alunos momentos de imersão literária nos quais o prazer da leitura é enfatizado. Muitas escolas aproveitam a ocasião para convidar escritores locais e contadores de histórias, enriquecendo as vivências literárias dos alunos.

Os clubes de leitura surgem tanto por iniciativas individuais quanto governamentais. Nesse contexto, em 2021, o Ministério Público do Estado do Ceará (MPCE) lançou o Clube de Leitura MPCE, promovido pelo Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional (CEAF) e pela Escola Superior do Ministério Público (ESMP). O projeto é voltado ao público interno da instituição—incluindo membros, servidores, estagiários e terceirizados—e tem como foco a leitura de livros diversos, com ênfase nas produções literárias brasileiras e regionais.

Ainda em Fortaleza, destaca-se o Clube do Leitor CCBNB, vinculado ao Centro Cultural Banco do Nordeste. O objetivo principal é apresentar o acervo literário da biblioteca *Inspiração Nordestina* e engajar os leitores em atividades que vão além da leitura funcional, promovendo a reflexão e o deleite por meio da literatura.

Fortaleza também vive uma efervescência na criação de clubes de leitura, que se reúnem presencialmente ou de forma remota. Uma reportagem publicada pelo jornal "O Povo", em março de 2017, listava dez desses clubes ativos na cidade. Os coletivos debatem periodicamente sobre obras selecionadas, refletindo o crescente engajamento com a literatura. Atividades similares se estendem para outros municípios cearenses, como Redenção, Pacajus, Juazeiro e Quixeramobim.

Os quiosques literários integram o projeto Leitura na Praça, uma iniciativa criada em 2019 que busca fomentar a leitura em Fortaleza. Esse projeto será abordado em maior profundidade em outro capítulo desta pesquisa.

Quanto à literatura infantil, embora sua presença seja ainda limitada fora do ambiente escolar no Ceará, observa-se o surgimento de iniciativas promissoras. Como exemplo, destaca-se o projeto social Pequenos Autores, realizado em Poranga, a aproximadamente 300 km de Fortaleza. Idealizado por um professor local, o programa oferece às crianças a oportunidade única de lançarem seus próprios livros.

O projeto Entrelinha - Literatura e Afetividade é voltado ao público infantil e busca incentivar a leitura compartilhada, apresentando o livro como uma ferramenta poderosa para fortalecer os vínculos afetivos. Idealizada pela escritora e psicóloga Dauana Vale, a iniciativa acontece em Fortaleza e tem como principais objetivos despertar no público o desejo de praticar a leitura compartilhada, reforçar a importância de pais, mães e outros familiares priorizarem o hábito de ler com crianças e jovens, além de promover a troca de experiências sobre os desafios dessa prática em grupo. Além das leituras compartilhadas em família, o projeto oferece a oficina Colando Entrelinhas, realizada em parceria com a artista visual Deborah Meira. Nessa atividade, são explorados os diversos títulos da literatura infantil por meio do manuseio de livros, abordando o projeto gráfico e a leitura de imagens.

Por mais que iniciativas como essa busquem transformar o acesso à literatura, a democratização desse acesso também exige esforços políticos. Contudo, avanços nesse campo tendem a ser demorados, tornando necessário que a sociedade cobre as instâncias superiores pela criação e execução de políticas públicas que favoreçam a leitura. Nesse sentido, destaca-se no Ceará a Rede de Leitura Jangada Literária, um coletivo formado por bibliotecas comunitárias e representantes da cadeia do livro. A rede atua na defesa de políticas públicas voltadas à leitura, promovendo o acesso ao livro como um direito humano. Atualmente, o coletivo conta com onze bibliotecas comunitárias, sendo dez localizadas em Fortaleza e uma no município de São Gonçalo do Amarante.

Os integrantes do coletivo se dedicam, sobretudo, à articulação de políticas que fomentem a criação e manutenção das bibliotecas comunitárias, reconhecendo-as como espaços culturais essenciais para as comunidades onde operam. A Rede de Leitura Jangada Literária promove eventos variados que dialogam com a sociedade sobre o cenário atual do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas comunitárias na região de Fortaleza e sua área metropolitana. Essas atividades incluem formações, seminários, encontros literários e iniciativas voltadas ao fortalecimento comunitário. Por meio dessas ações, as bibliotecas comunitárias da rede emprestam anualmente mais de 10 mil livros ao público.

As bibliotecas que integram a Rede Jangada Literária compartilham o propósito de transformar suas comunidades em centros de referência na formação de leitores, comprometidos com a garantia do acesso igualitário à leitura através de políticas públicas que envolvam o livro e as práticas literárias. Embora existam iniciativas valiosas tanto privadas, quanto públicas para promover o hábito de leitura dentro e fora das escolas, ainda é evidente que há um longo caminho a ser trilhado para consolidar plenamente a democratização do acesso à literatura.

Recentemente, mais precisamente em 2024, o Governo do Ceará, por meio da Secretaria da Cultura (Secult Ceará) criou a Feira Literária de Aracati, Sobral e Icó (Flasi). Em uma ação de descentralização das políticas públicas de cultura, a Flasi vai realizar Festas Literárias nos municípios de Sobral, Icó e Aracati. Cada edição vai contar com a realização de diversas atividades, como produções artísticas e culturais da região, atividades formativas e debates com autores, além de feira literária, recebendo, por três dias, uma programação diversificada composta de atividades que convidem à fruição e à leitura.

São iniciativas que vão surgindo e ganhando vida no Ceará em sua busca incessante de fomentar o acesso ao livro, à leitura e à literatura, estimular a formação de leitores e a valorização da cultura. “As Festas Literárias no Ceará são uma ação itinerante de promoção e circulação de ações de incentivo à leitura e que fortalecem a cadeia produtiva e econômica do livro. Sabemos que o acesso à cultura e ao conhecimento são elementos centrais para o pleno exercício da cidadania, incluindo a geração de renda. As Festas são também um momento de celebração do livro, da leitura e da literatura”, explica a secretária da Cultura do Ceará, Luísa Cela.

CAPÍTULO III – LEITURA DESEMPAREDADA: A LITERATURA ENQUANTO AGENTE DE LIBERDADE

Para tratar do conceito de desemparedar, baseamo-nos nas reflexões de Léa Tiriba (2010), que argumenta sobre a importância de romper com os limites impostos à infância, promovendo uma maior interação das crianças com a natureza. Esse contato tem o potencial de aguçar os sentidos, desenvolver a sensibilidade e ampliar as experiências das crianças. O desemparedamento refere-se à condição de aprisionamento vivida por muitas crianças em ambientes restritos, cercados de paredes, como nas instituições escolares (Tiriba, 2005; Santos, 2020).

Sob a perspectiva de Vygotsky (1989), compreende-se que as crianças pertencem tanto à natureza quanto à cultura. Elas são seres biológicos cujo desenvolvimento pleno e bem-estar social dependem fundamentalmente das interações com o ambiente ao seu redor. Portanto, o seu desenvolvimento ocorre em um constante intercâmbio social.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (Vygotsky, 1989, p. 33).

Para Vygotsky, os traços tipicamente humanos do pensamento são frutos da evolução natural, interação contínua do ser humano com seu ambiente sociocultural. Simultaneamente, o ser humano se desenvolve, e ao modificar o seu ambiente para atender às suas necessidades fundamentais, ele a transforma.

Com base nessa ideia de interação com colegas e na habilidade humana de evoluir por meio do diálogo, da troca de ideias e até mesmo em situações de conflito, é possível construir conhecimentos compartilhados.

Como já defendia Vygotsky, a interação com as crianças continua sendo crucial. A noção de desemparedar, discutida neste estudo, não se restringe apenas à interação com a natureza, mas também pode estar ligada a outras atividades que enriquecem, como a leitura de literatura. Assim, os ambientes voltados para a prática da leitura podem e devem ser pensados como sinônimos de liberdade e expressão.

A leitura, quando acessada em ambientes que fogem ao controle escolar e institucional, carrega em si o potencial de romper com as amarras sociais impostas às infâncias periféricas. Nas palavras de Paulo Freire (1996), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e é nesse sentido que a leitura literária em espaços não convencionais, como o *Projeto Leitura na Praça*, atua como uma forma de reconfigurar as experiências do cotidiano.

A criança periférica, que tantas vezes cresce à margem dos direitos culturais básicos, ao se ver representada, acolhida e encantada pela literatura, encontra um terreno fértil para o exercício da imaginação, da crítica e da autonomia. Ler, nesse contexto, é mais do que um ato técnico: é um gesto político, que insere essas crianças em uma rede de pertencimento cultural. A leitura desemparedada não apenas amplia o repertório simbólico, mas também restitui à criança o direito de sonhar. Segundo Djamila Ribeiro (2017), “negar o acesso ao conhecimento e à cultura é uma forma eficaz de manter as desigualdades”. Logo, iniciativas como os quiosques literários não apenas ofertam livros, elas devolvem às infâncias a dignidade do imaginário.

Essa perspectiva encontra eco na obra de Bell Hooks (1994), ao defender que espaços de aprendizagem alternativos podem e devem ser libertadores. A autora propõe a educação como prática de liberdade, na qual o sujeito deixa de ser espectador passivo para se tornar protagonista de sua formação intelectual. Ao permitirem que as crianças escolham o que ler, os quiosques transformam-se em territórios de resistência e empoderamento. Cada livro lido é uma fresta de mundo aberto e, como bem afirma Grada Kilomba (2019), o acesso à narrativa é também o acesso à existência.

No caso das infâncias negras e periféricas, marcadas por atravessamentos de classe, raça e território, a literatura assume uma função reparadora. O contato com personagens que falam como elas, parece com elas e enfrentam dilemas semelhantes constitui um espelho simbólico fundamental. Como bem diz Conceição Evaristo (2005): “nossos textos têm a marca de nossa oralidade, têm a marca de nossas experiências, de nossa ancestralidade”. A leitura, portanto, torna-se um espaço de cura e de reinvenção do ser.

Ao serem convidadas a entrar no “bosque da ficção”, como propõe Umberto Eco (1994), as crianças leitoras deixam de apenas sobreviver para, enfim, viver poeticamente. É nesse gesto de escolher, tocar, imaginar e narrar que se forma o sujeito literário, aquele que sabe que o mundo pode ser refeito a cada página. E esse sujeito é, antes de tudo, uma criança com o direito inegociável de ser lida e de ler-se no mundo. A leitura desemparedada é, pois, um projeto de infância livre: é um ato de existir.

3.1 Leitura na praça: Tornando livre o ato da leitura literária

Figura 1: Imagem do quiosque



Fonte: Rejane Maria Silva Lemos

Concebido e implementado em 2019, durante a gestão do prefeito Roberto Claudio, o programa Leitura na Praça foi criado com o propósito de fomentar o hábito da leitura de literatura infantil desde os primeiros anos de vida. Essa iniciativa é considerada fundamental para promover o desenvolvimento infantil, fortalecer vínculos interpessoais e aprimorar habilidades comunicativas.

Por meio do decreto nº 14.521, de 1º, de novembro de 2019, o programa foi formalizado com o objetivo de estimular a prática da leitura entre crianças e adolescentes que frequentam espaços públicos no município de Fortaleza. O projeto é viabilizado por parcerias entre o poder público, a sociedade civil, entidades do setor privado e organizações não governamentais, ampliando, assim, sua abrangência e impacto.

A gestão do programa está sob a responsabilidade da Fundação da Criança e da Família Cidadã (Funci), instituição cuja missão é implementar políticas públicas voltadas à proteção integral de crianças e adolescentes, conforme previsto no Estatuto da Criança e do

Adolescente (ECA). Nesse sentido, o programa Leitura na Praça integra-se ao Plano Municipal pela Primeira Infância de Fortaleza (PMPIF), abrangendo toda a cidade.

O programa alinha-se aos princípios do Plano Municipal pela Primeira Infância de Fortaleza, instituído pela Lei nº 10.221, de 13 de junho de 2014. Esse plano busca articular políticas municipais voltadas ao cuidado integral e à promoção da cidadania para crianças entre 0 a 6 anos de idade, propondo uma visão da cidade a partir da perspectiva infantil. O incentivo à prática da leitura em espaços abertos constitui uma ação concreta desse compromisso com as crianças.

Tais iniciativas extrapolam os limites do ambiente escolar ou de estruturas fechadas, evidenciando como a interação, a imaginação e a ludicidade podem ser também promovidos ao ar livre, sobretudo tendo em vista que esses elementos são considerados essenciais para o desenvolvimento infantil. Ademais, os recursos naturais presentes nesses espaços são frequentemente transformados em oportunidades educativas e lúdicas para as crianças.

Em consonância com essa abordagem, a prefeitura de Fortaleza lançou, em 2020, um projeto de implantação de pátios naturalizados em algumas unidades de educação infantil da rede pública. Essa intervenção requalifica espaços já existentes, tornando-os mais atrativos e integrados à natureza, configurando-se como um exemplo prático do conceito de desemparedamento da infância. Contudo, essa não é a única estratégia implementada na cidade com esse objetivo. *O projeto Leitura na Praça* também se insere nesse escopo, ampliando o acesso à literatura e reforçando seu papel como direito universal.

O funcionamento do programa baseia-se na instalação de quiosques distribuídos em diversas praças públicas da cidade. Esses quiosques são estruturas metálicas fixas organizadas em todas as sete regionais de Fortaleza e gerenciadas pela própria comunidade local. Com o apoio de voluntários que firmam Termos de Compromisso com a prefeitura, são definidos os horários de funcionamento e as formas de organização do espaço. Os livros disponíveis destinam-se exclusivamente à leitura no local.

Por estarem situados em áreas arborizadas, os quiosques proporcionam às crianças maior contato com a natureza, em um ambiente que incentiva tanto autonomia quanto liberdade de escolha. As crianças têm a oportunidade de selecionar os livros que desejam ler, promovendo, assim, uma experiência mais participativa e enriquecedora. Enfatizando os benefícios dessa proximidade com o meio ambiente, especialistas como Tiriba e Robim ressaltam a importância dessa interação para o desenvolvimento integral das crianças.

Instituir práticas de trabalho que não fragmentem o sentir do pensar; práticas atentas às vontades do corpo, que não aprisionem os movimentos, ao contrário, ajudem as crianças a expressarem ‘a dança de cada um’, isto é, ‘o jeito de ser, que é, em outros termos, a expressão de nossa psique, de nossa alma (Tiriba, Robin, 2003 e 1997).

O *Projeto Leitura na Praça* se destaca por acontecer em um ambiente não convencional: um espaço público ao ar livre, no qual a leitura literária se revela, entre outras coisas, como uma prática genuinamente livre. Oferecer liberdade ao ato de ler, transformar a experiência da leitura literária em um gesto de autonomia e remover as barreiras que a cercam são ideais que, embora não estejam formalmente descritos como objetivos do projeto, permeiam sua essência. Esses princípios se materializam ao proporcionar às crianças momentos de encantamento e satisfação que só a leitura literária é capaz de oferecer.

Uma das características essenciais ligadas à leitura é a imaginação e quando esta ocorre em um ambiente livre, a imaginação ganha asas. A leitura nos ajuda a construir sonhos, permite-nos viajar, devanear, sonhar.

A quem deseja devanear bem, devemos dizer: comece por ser feliz. Então o devaneio percorre o seu verdadeiro destino: torna-se devaneio poético: tudo, por ele e nele, se torna belo. [...] O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. [...] Pela imaginação, graças às sutilezas da função do irreal, reingressamos no mundo da confiança, no mundo do ser confiante, no próprio mundo do devaneio. [...] E foi assim que viemos a pensar: é com o devaneio que se deve aprender a fenomenologia (Bachelard, 1988, p. 14).

No quiosque, a leitura ocorre de forma descontraída e informal, mas é igualmente relevante, pois é ela que estimula a curiosidade e a imaginação dos pequenos. No quiosque deseja-se estimular a vontade de ler pelo prazer de ler. Essa forma tão prazerosa e valiosa contribui mesmo que indiretamente para enriquecer o conhecimento da criança, amplia seu vocabulário, incentiva a criatividade e melhora sua técnica de leitura.

A literatura infantil oferecida em contextos variados, especialmente fora do ambiente escolar e em um espaço sem barreiras, e até mesmo sem a intenção de satisfazer objetivos pedagógicos, consegue alcançar uma leitura literária pelo puro prazer de ler, e isso é o que ocorre através da leitura literária realizada nos quiosques. Quando necessário, há a mediação realizada pelo responsável ou pelo mediador do quiosque, afinal, como escreveu Michèle Petit (2013, p. 48) “é impossível prever quais serão os livros aptos a ajudar alguém a se descobrir ou a se construir”.

3.2 Quiosque literário: porta de entrada ao bosque da ficção

O projeto Leitura na Praça, conforme já mencionado, opera em quiosques disseminados pela cidade. Cada quiosque está localizado em uma praça devidamente arborizada e mantida para que permaneça sempre limpa e acolhedora.

Figura 2: Imagem do quiosque



Fonte: Célia (coordenadora do Projeto Leitura na praça)

Figura 3: Imagem do quiosque (fechado e aberto)



Fonte: Rejane Maria Silva Lemos

O quiosque em questão situa-se no bairro Antônio Correia, numa praça que leva o mesmo nome. O adotante ou mediador responsável pela operação do quiosque é um

senhor chamado José Mendes. Conhecido como Seu Mendes, ele tem 67 anos e reside no bairro há 39 anos. Trata-se de um homem gentil e amável, o que torna aquele ambiente ainda mais convidativo.

De acordo com ele, o local onde atualmente se encontra a praça era um grande depósito de lixo. A ideia de revitalizar o espaço partiu dele. Para isso, ele contatou os órgãos da prefeitura solicitando uma visita ao local. Após algumas tentativas, seu pedido foi atendido. Em 2016, iniciaram a limpeza, plantaram mudas de árvores e construíram uma praça. Desde então, ele, que é químico aposentado, comprometeu-se a cuidar do local e, para tanto, realiza diariamente a limpeza necessária.

Em 2019, ao dar início ao projeto Leitura na Praça, foi instalado um quiosque na praça onde Seu Mendes passa boa parte do seu tempo e, evidentemente, ele é o adotante, ou seja, o mediador. Todas as manhãs, ele vai verificar como está a praça, recolhendo sujeira e buscando manter a beleza do espaço. À tarde, de quinta-feira a sábado, Seu Mendes dirige-se à praça, abre as portas do quiosque e aguarda a chegada das crianças para que possam desfrutar do prazer que a leitura literária oferece.

No quiosque, há um acervo diversificado de aproximadamente 360 livros de diferentes títulos, diversificados gêneros literários e editoras variadas. Ali, assim como nos demais quiosques, o encantamento se inicia pela visão. É impossível avistar tantos livros e não sentir a curiosidade de abri-los e lê-los. É inviável passar despercebido por aquele bosque da ficção.

A seleção dos materiais, que inclui obras literárias e alguns exemplares com perfil paradidático, ficou a cargo de um grupo formado por especialistas das secretarias de educação e cultura, além de assessores do gabinete de Carol Bezerra, a primeira-dama, idealizadora do Projeto Leitura na Praça.

Eco, na obra *Seis passeios pelo bosque da ficção* (1994), convida-nos, enquanto leitores, a penetrar no bosque através de nossas leituras, fazendo escolhas, inferências e participando da história, vivenciando experiências enriquecedoras que o universo da leitura pode nos proporcionar. Ao aceitar entrar no bosque, o leitor ultrapassa a leitura superficial por meio de uma interação mais profunda com a obra.

Na metáfora utilizada, em um texto narrativo o leitor faz escolhas continuamente. Somos convidados a entrar no bosque e, ao fazê-lo, iniciamos nosso processo de escolha, traçando nossa própria trilha, tomando nossa própria direção, adentrando na história e criando perspectivas para o enredo, muitas vezes diferentes

daquilo que a obra nos propõe. Algumas vezes, ao ler uma narrativa, mergulhamos tão intensamente que antecipamos as falas e as ações ou reações dos personagens.

Incontáveis narrativas infantis proporcionam aos pequenos leitores essa entrada no bosque onde, imersos pela história, a criança é levada a tomar suas decisões, por vezes, até mesmo em desacordo com o que é apresentado na conclusão final, por exemplo. Nos quiosques distribuídos pelas praças de Fortaleza, os frequentadores são convidados a ingressar no bosque da ficção, pois existe ali, naquele espaço mágico, o princípio da liberdade de escolha. Assim, a cada quiosque que se abre, o livro se torna livre, a leitura literária é desimpedida, o leitor é autônomo.

No entanto, garantir um quiosque repleto de livros não assegura a todos que tudo será perfeito em termos de adesão e que todos os livros, independentemente de sua atratividade, terão sempre um público fiel. Estamos na era digital e o fascínio pelas telas é um fato inegável.

Atualmente, as crianças possuem várias opções de entretenimento e lazer que, para elas, frequentemente são mais atrativas do que os livros literários. Com o avanço da tecnologia, jogos de celular e até livros digitais estão ao seu alcance, ao toque de uma tela. O livro impresso está ligado à materialidade do papel, enquanto o digital é formado por códigos digitais que podem ser acessados quase que instantaneamente através da internet em qualquer local e nos mais diversos aparelhos eletrônicos, sem contar os joguinhos que atraem a todas as crianças, levando-as a se deixarem dominar pelo acesso exacerbado das telas.

Um dos maiores obstáculos para locais dedicados à literatura, a exemplo dos quiosques do *Projeto Leitura na Praça*, reside em permanecer interessantes em um cenário amplamente dominado pelo universo digital. Preservar o encanto do mundo da ficção é, sem dúvida, uma tarefa árdua, mas não desmotiva aqueles que se empenham em guiar as crianças nesse universo literário.

Essa constatação fica evidente nas palavras do Seu Mendes e no brilho em seus olhos ao narrar sua atuação à frente de um dos quiosques. Ele relata que, por vezes, nenhum visitante aparece ao longo do dia, mas que essa situação não é a regra. O que o cativa é observar o retorno de diversas crianças e o surgimento de novos rostos. Com entusiasmo, ele compartilha que muitos pequenos solicitam que ele leia o livro escolhido por eles ou que lhes sugira uma obra. Com notável emoção, ele também descreve como algumas crianças optam por criar suas próprias narrativas, inspiradas pelas imagens presentes nos livros selecionados para leitura.

Seu Mendes é um entusiasta contagiante. Ele acredita que a praça é um local de troca, de partilha em que todos têm a ganhar. Em sua opinião, “A leitura na praça é uma iniciativa da prefeitura de Fortaleza muito útil. Dá muita comunicação entre as crianças que frequentam a leitura na praça e entre os pais das crianças. Uma criança que lê um livrinho ela se sente valorizada. Uma criança que é bem tratada no quiosque, ela deseja voltar, então o projeto leitura na praça é muito importante”. (Mendes, 2025).

3.3 Viajando pelo bosque: a escolha de um livro

Figura 4

Referente ao livro *Meu pai vai me buscar na escola*



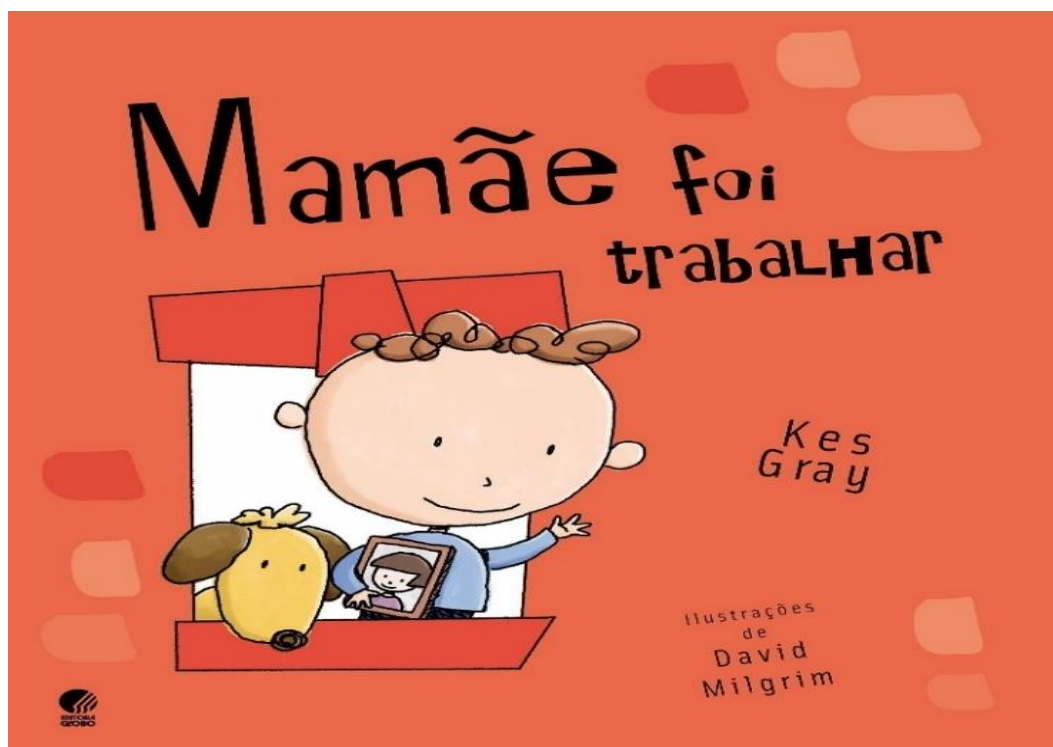
Fonte: Junião (2021)

Figura 5: Referente ao livro *João, o galo desregulado*



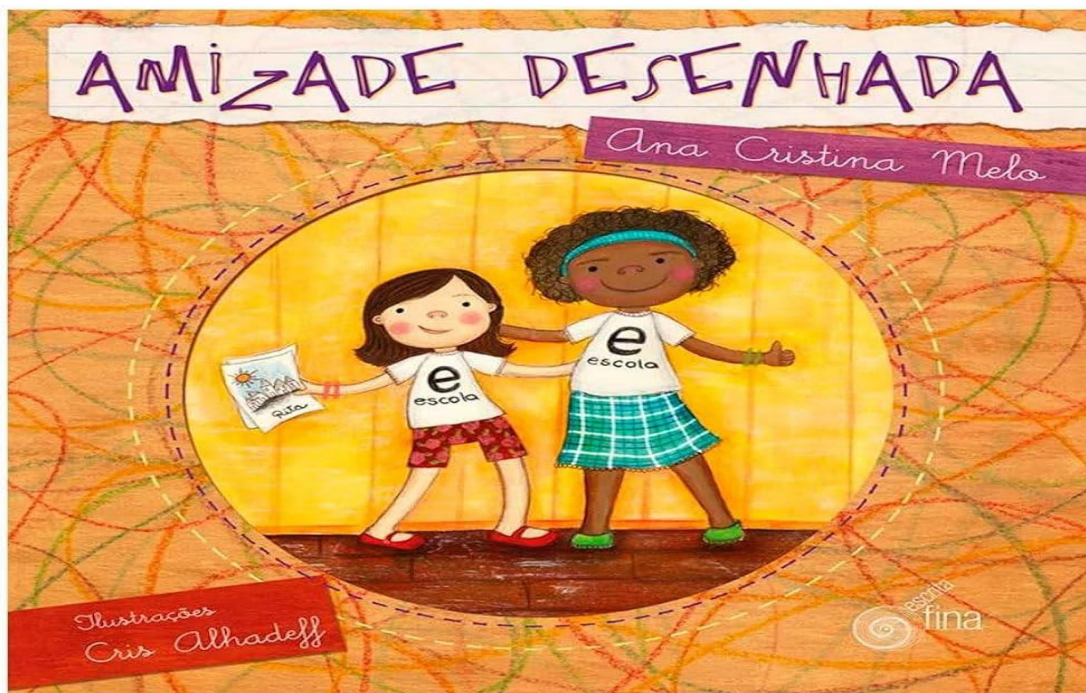
Fonte: Camila Carrossine (2013)

Figura 6: Referente ao livro *Mamãe foi trabalhar*



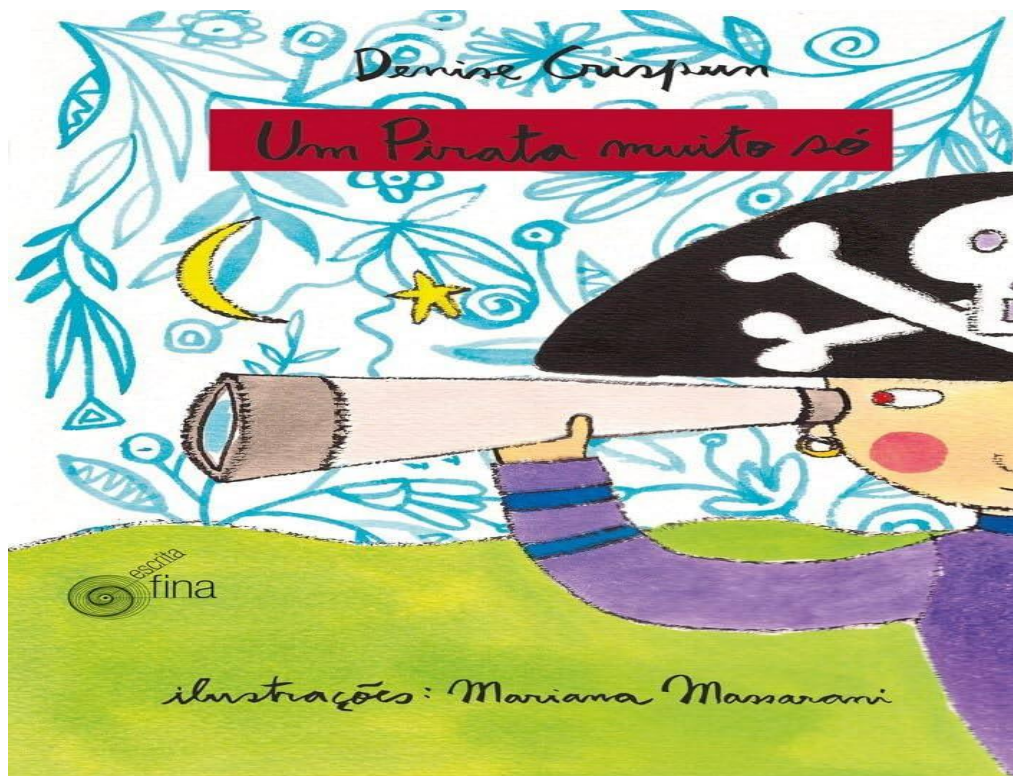
Fonte: Kes Gray (2012)

Figura 7: Referente ao livro *Amizade desenhada*



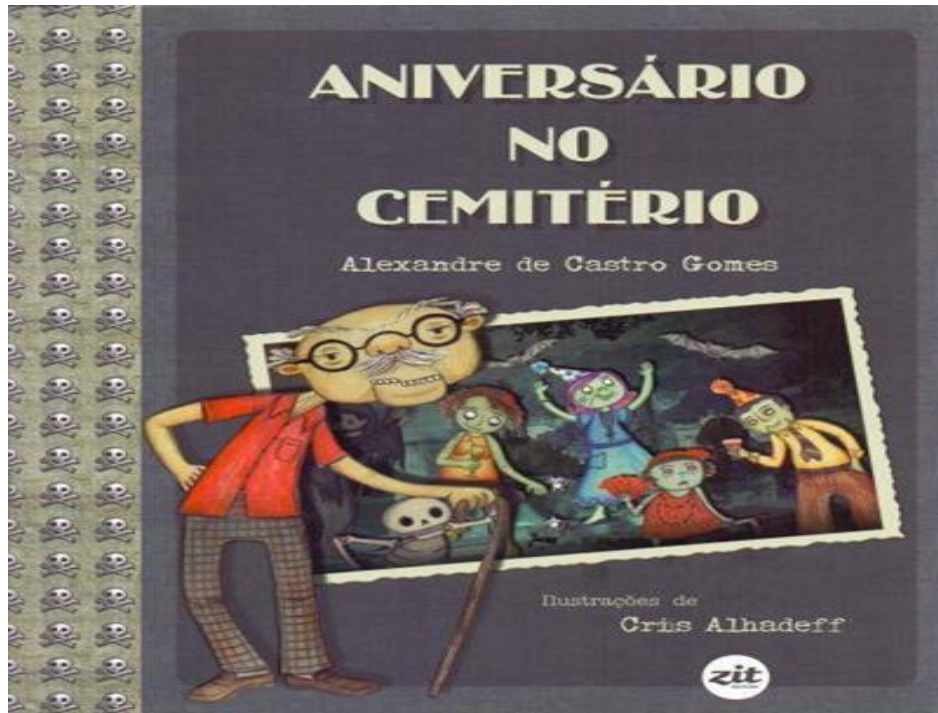
Fonte: Ana Cristina Melo (2012)

Figura 8: Referente ao livro *Um pirata muito só*



Fonte: Denise Crispun (2011)

Figura 9: Referente ao livro *Aniversário no cemitério*



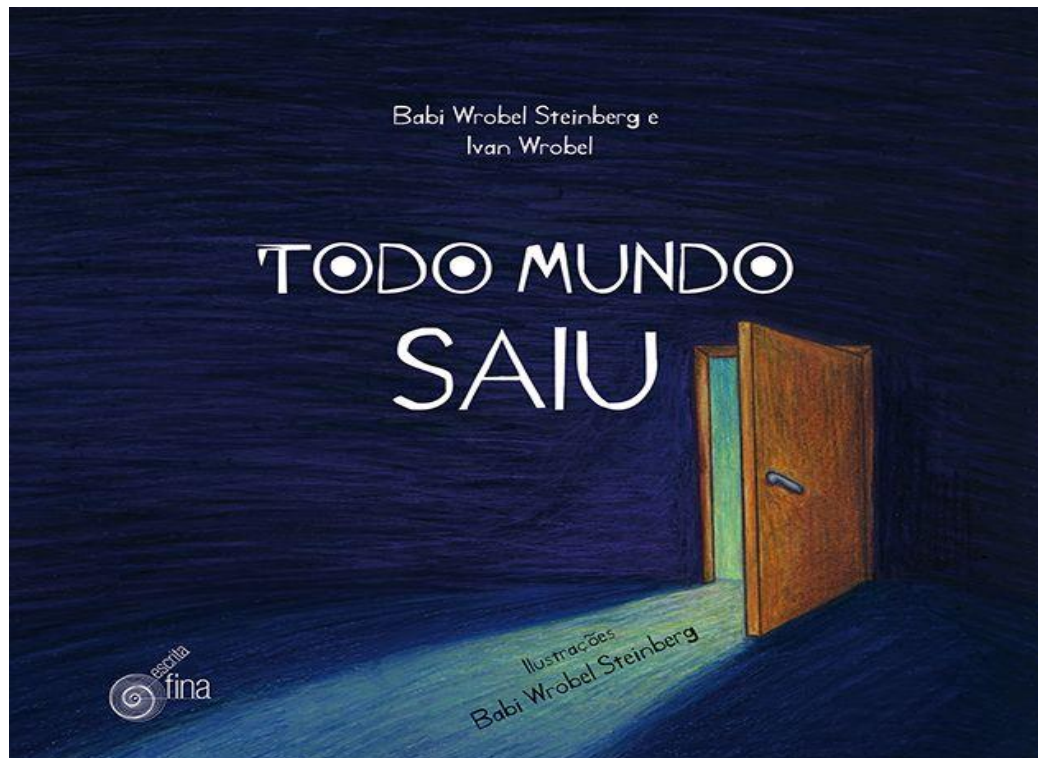
Fonte: Alexandre de Castro Gomes (2018)

Figura 10: Referente ao livro *Encanto*



Fonte: Disney (2023)

Figura 11: Referente ao livro *Todo mundo saiu*



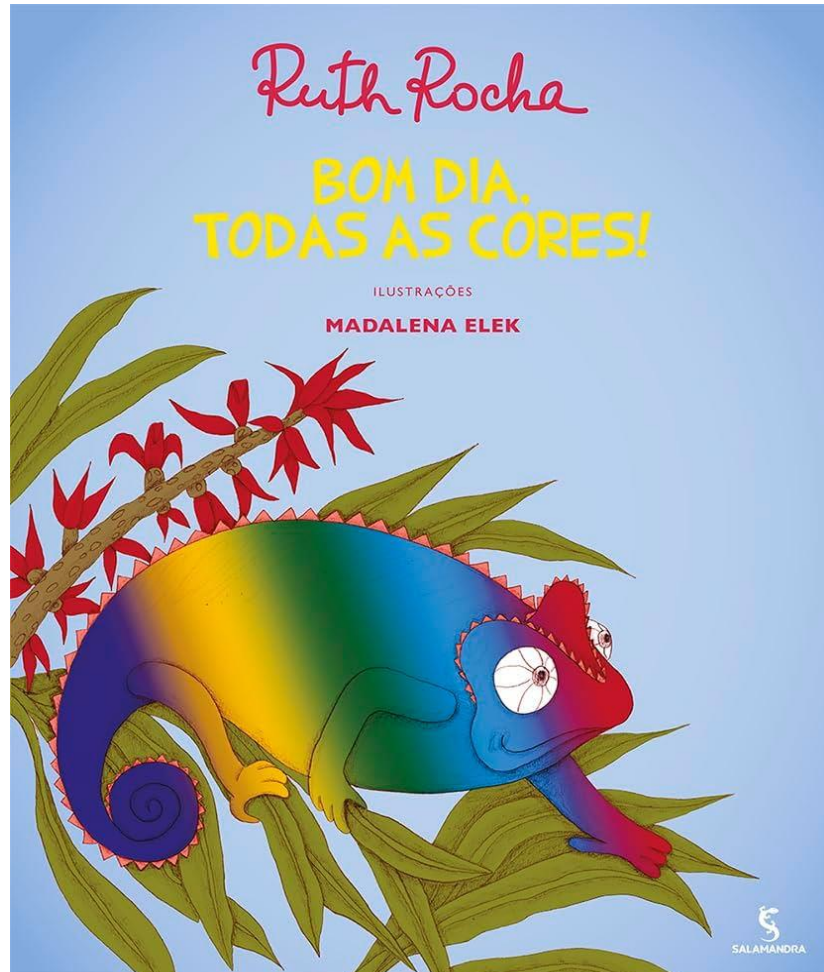
Fonte: Babi Wrobel e Ivan Wrobel (2013)

Diversos elementos moldam a seleção de livros pelas crianças, como a faixa etária, suas preferências pessoais e o ambiente em que a leitura acontece. A decisão de qual livro ler pode ser tomada pela própria criança ou com a ajuda dos pais ou responsáveis, que avaliam a qualidade da escrita, as imagens, se o livro é apropriado para a fase da criança, além de levar em conta o que eles gostam, claro. Ao chegar no quiosque, ao adentrar nesse bosque da ficção, a criança se depara com inúmeras possibilidades de leitura para que possa, a partir de sua escolha ou com a mediação de alguém, poder deleitar-se no que aquele ambiente pode proporcionar.

Como já foi mencionado anteriormente, o acervo do quiosque é bastante diversificado. Para transmitir uma visão mais aproximada possível do acervo que compõe o quiosque onde se realizou a pesquisa, optei, após o deleite de vários deles, tomar por referência dois livros, sendo um voltado para a leitura literária, que é uma obra de Ruth Rocha, *Bom dia todas as cores* e o outro é uma obra de Luciana Rosa, *O planeta está com febre*, que se adequa mais como livro paradidático.

3.3.1 Bom dia todas as cores: a difícil arte de agradar a todos

Figura 12: Referente ao livro *Bom dia todas as cores*



Fonte: Ruth Rocha (2013)

A obra *Bom dia, todas as cores* se encaixa como uma obra literária voltada principalmente para o público infanto-juvenil. Lançado em 2013, o livro narra as peripécias de um camaleão amigável e generoso, cuja característica principal era alterar sua tonalidade conforme o que os outros pensavam.

A autora por trás desta história encantadora é Ruth Rocha, e as ilustrações cativantes são de Madalena Elek. A narrativa acompanha um camaleão em sua descoberta sobre a beleza de sua própria cor e a celebração das diferenças. Apesar de sua natureza amigável e gentil, ele vivia transformando suas convicções, e sua aparência, conforme as pessoas que cruzavam seu caminho. Bastava encontrar um João-de-Barro para se pintar de marrom; um Bem-te-vi era suficiente para deixá-lo amarelo. Ele se esforçava para contentar a todos, mas logo notou que

tal objetivo é inatingível, visto que cada indivíduo possui suas preferências. Por fim, o camaleão opta por exibir as tonalidades que lhe dão prazer e, dessa forma, encontra a felicidade.

A obra destaca que, apesar da gentileza e da cordialidade serem positivas, o essencial é manter-se autêntico às suas preferências, sem buscar incessantemente a aprovação alheia. A jornada do camaleão revela que a verdadeira alegria reside na autoaceitação, e não na incessante busca por replicar o comportamento dos demais. Trata de assuntos como amor próprio, tolerância e a relevância da autenticidade.

Com uma estética deslumbrante, repleta de cores vibrantes e ilustrações que chamam a atenção, a narrativa envolve tanto o público infantil quanto o adulto. A linguagem utilizada é rica em poesia e metáforas, porém acessível. De maneira encantadora, o tema central é a aceitação das singularidades, as decisões, as emoções, o impacto do meio e a descoberta de si.

A beleza desse livro reside na habilidade da autora em empregar a linguagem de forma eficaz, assim como também no design, que harmoniza texto e imagem, guiando o leitor na aventura do camaleão. A narrativa explora a aptidão do animal de se disfarçar na natureza, alterando sua coloração para satisfazer os outros, até que ele encontre a aparência que lhe traz alegria. É um livro maravilhoso que cativa o público infantil e até mesmo adultos apreciadores desse tipo de obra.

Figura 13: Referente ao livro *Bom dia todas as cores*



Fonte: Ruth Rocha, 2013 p. 8.

Figura 14: Referente ao livro *Bom dia todas as cores*



Fonte: Ruth Rocha, 2013, p. 32 e 33

Figura 15: Referente ao livro *Bom dia todas as cores*



Fonte: Ruth Rocha, 2013, p. 34

3.3.2 O planeta está com febre: uma reflexão sobre o aquecimento global

Figura 16: Referente ao livro *O planeta está doente*



Fonte: Luciana Rosa (2011)

O planeta está com febre (Luciana Rosa, 2011) é um livro ilustrado destinado ao público infantil a partir de 8 anos. Percebemos ao longo da obra que o texto e as ilustrações interagem entre si, cativando a atenção do leitor do começo ao fim.

A narrativa começa relatando que em um certo dia o Planeta Terra despertou sentindo-se bastante indisposto, com uma forte dor de cabeça e dificuldade para respirar. Ele estava com o nariz obstruído e apresentava várias dores pelo corpo. Buscou um médico. O doutor confirmou que ele estava enfermo e o diagnosticou com aquecimento global.

Preocupado com sua própria saúde e a de todos os habitantes, o Planeta Terra convocou as crianças de todas as nações para uma assembleia, pois via nelas a esperança de um futuro mais promissor. As crianças demonstraram preocupação com a saúde do Planeta Terra e questionaram como poderiam auxiliar.

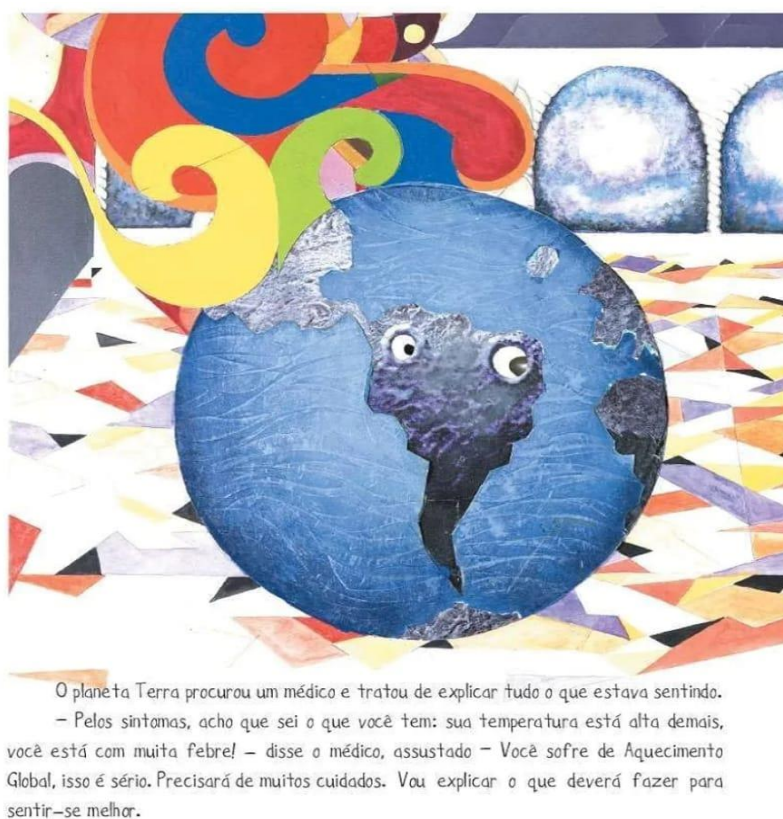
O livro *O Planeta está com febre* utiliza uma narrativa infantil para abordar o tema do aquecimento global, apresentando a Terra como um organismo vivo que está com febre

devido à poluição e ao uso irresponsável dos recursos naturais. A história busca conscientizar crianças e jovens sobre a importância da preservação ambiental, mostrando que a saúde do planeta está diretamente ligada à saúde humana

Observa-se ao longo da história que a autora Luciana Rosa utiliza uma linguagem simples e acessível à compreensão das crianças ao abordar um tema tão relevante quanto o aquecimento global. Sabiamente, a autora apresenta o Planeta Terra como se fosse também uma criança. Isso certamente enriquece o diálogo dele com os pequenos.

Além disso, a autora expõe exemplos de iniciativas que podem ser realizadas, tanto em âmbito individual quanto coletivo, para enfrentar as alterações climáticas e reduzir seus impactos. Ela ressalta a relevância da sensibilização e da educação ambiental para que as gerações futuras possam habitar um planeta saudável e equilibrado. As ilustrações de Salmo Dansa ainda enriquecem a narrativa, tornando a obra ainda mais envolvente.

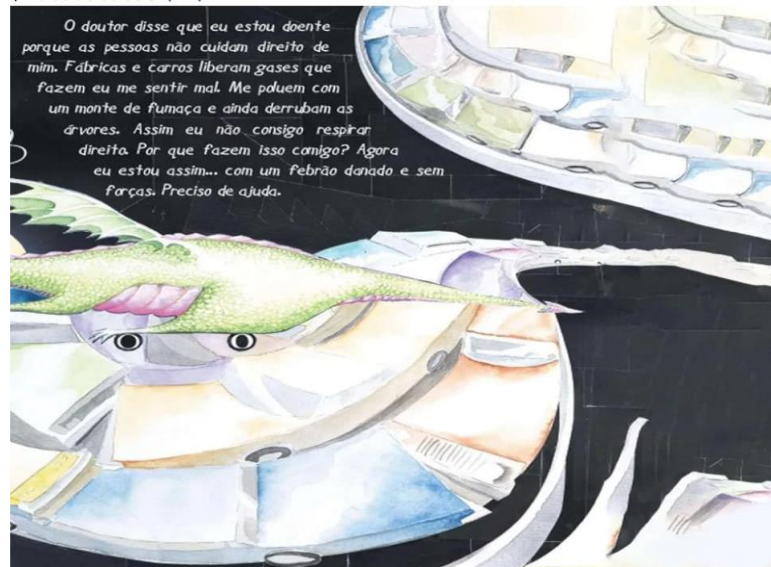
Figura 17: Referente ao livro *O planeta está doente*



O planeta Terra procurou um médico e tratou de explicar tudo o que estava sentindo.
– Pelos sintomas, acho que sei o que você tem: sua temperatura está alta demais, você está com muita febre! – disse o médico, assustado – Você sofre de Aquecimento Global, isso é sério. Precisarão de muitos cuidados. Vou explicar o que deverá fazer para sentir-se melhor.

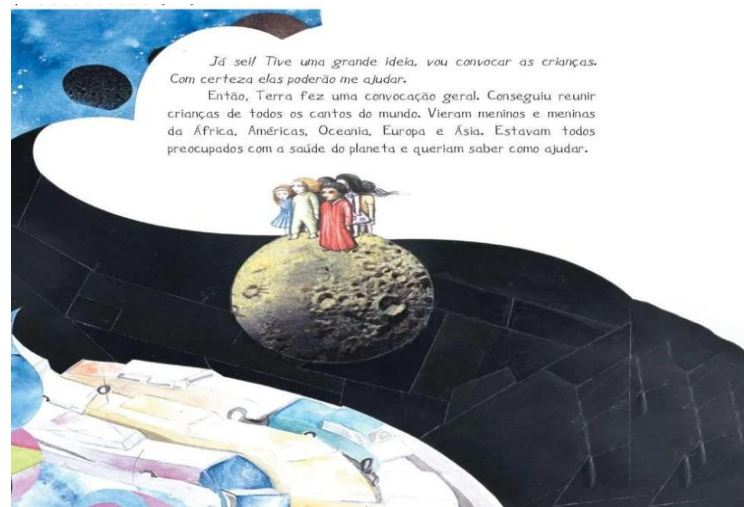
Fonte: Luciana Rosa, 2011, p. 8

Figura 18: Referente ao livro *O planeta está doente*



Fonte: Luciana Rosa, 2011, p. 9

Figura 19: Referente ao livro *O planeta está doente*



Fonte: Luciana Rosa, 2011, p. 10

Encerro este capítulo repisando as palavras de Monteiro Lobato, ao lembrar que o autor de um livro constrói um lar, e o leitor, ao apreciá-lo, passa a habitá-lo. A leitura genuinamente nos oferece essa entrega, essa mudança do nosso cotidiano para uma aventura na narrativa, muitas vezes nos fazendo sentir personagens dela. O *Projeto Leitura na Praça* visa garantir essa entrega, esse envolvimento no mundo literário pela alegria da leitura. Que essa incursão ao reino da fantasia continue a inspirar nos jovens leitores a paixão por novas revelações que a mente de quem lê é capaz de atingir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu um olhar mais aprofundado do alcance da leitura literária para além dos ambientes puramente convencionais, visto que a pesquisa teve como referência o *Projeto Leitura na Praça*, que é realizado em quiosques espalhados pelas praças na cidade de Fortaleza.

Nos quiosques recheados de livros busca-se atrair sobretudo as crianças, dando a elas a oportunidade de adentrar no universo da literatura infantil, mergulhando no prazer de ler ou ouvir uma história.

A pesquisa realizada revelou a importância de iniciativas como essas para a democratização do acesso à literatura, assim como também as possíveis limitações ou desafios para a sua continuidade.

Foi possível perceber, por exemplo, que a quantidade de quiosques em funcionamento hoje não é a mesma da época do lançamento do *Projeto Leitura na Praça*. Iniciou-se com um total de dez quiosques e pouco a pouco outros foram surgindo. Atualmente existem em funcionamento trinta e dois quiosques. A meta da prefeitura quando lançou o projeto era oferecer progressivamente sessenta unidades metálicas. Estamos, portanto, seis anos após a inauguração com 54% da meta alcançada.

Outra constatação é que garantir os quiosques em funcionamento não significa necessariamente que existam frequentadores acessando o acervo disponibilizado sempre que o responsável abre as portas e se coloca à disposição da comunidade. Conforme informações do “adotante”, ou seja, do mediador do quiosque onde se deu as visitas por mim realizadas, algumas vezes ele abre as portas e se coloca à disposição, mas não aparece nenhuma criança. Outras vezes, no entanto, há muitas crianças, inclusive, rostinhos que já se tornaram conhecidos por sempre retornarem.

Conclui-se, portanto, que fomentar a leitura literária em um ambiente desemparedado, um ambiente não convencional é essencial, pois amplia o leque de alcance da mesma e com isso nos aproximamos mais da tão necessária democratização do acesso à literatura. Portanto, independente das limitações e dos desafios enfrentados, iniciativas como essas do *Projeto Leitura na Praça* são viáveis e precisam ser mantidas e asseguradas enquanto políticas públicas visando garantir o acesso à literatura enquanto direito universal.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALFELD, E. ERA uma vez outra vez: brincar com a palavra, com a ilustração e com o leitor. **Miscelânea**, Assis, v. 32, p. 345-360, jul.-dez. 2022.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BARENGHI, M. Para que serve a literatura?. **Revista de Italianística**, São Paulo, Brasil, n. 39, p. 63–67, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/italianistica/article/view/169606>.. Acesso em: 10 mai. 2025.
- CAMARGO, L. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- CEARÁ. Secretaria da Cultura - Secult CE. Governo do Ceará promove descentralização das políticas de livro e leitura com a realização de Festas Literárias no estado. **Livro e Leitura**. 15 abr. 2024. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2024/04/15/feira-literaria-do-ceara/>. Acesso em: 10 mai. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**: leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- BRITTO, L. P. L. **Ao revés do avesso**: leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.
- BRITTO, L. P. L. **As razões do direito à literatura**. 23 fev. 2018. Guatá. Cultura em movimento, 2018. Disponível em: <https://guatafoz.com.br/as-razoes-do-direito-a-literatura/>. Acesso em: 10 mai. 2025.
- CANDIDO, **O direito à literatura**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre: Azul, 2011.
- CANDIDO, A. Direitos humanos e literatura. In.: FESTER, A. C. Ribeiro *et. al.* **Direitos humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. [S. l] v. 24, n. 9, p. 803-809, set, 1972.
- CAPANEMA, G. **Exposição dos Motivos para a Criação do INL**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 15 de dezembro de rasilense, 1989.
- CARVALHO, D. M. A importância da leitura literária para o ensino. **Entreletras**, Araguaína, v.6, n. 1, p.6-21, jan/jun. 2015.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: história, teoria, análise** (das origens orientais ao Brasil de hoje). São Paulo: Quíron; Brasília: INL/MEC, 1981.

COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

COMPAGNON, A. **Literatura Para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COUTINHO, A. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

ECO, U. “Entrando no bosque”. In: ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERNANDES, G. de J. **Leitura na Educação Infantil: benefícios e práticas significativas**. Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – Faculdade Cenecista de Capivari, São Paulo, 2010.

GARCEZ, L. H. do C. A construção social da leitura. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 1, n. 5, p. 5-7, mar, de 2000.

HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, M. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LINDEN, S. V. der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 184p.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 13ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MONTESORI, M. **A descoberta da criança: pedagogia científica**. Tradução de Pe. Aury Maria Azélio Brunetti, Campinas: Kíron, 2017.

NAVAS, D. Novos caminhos para novos leitores: breve panorama da literatura contemporânea brasileira para crianças pequenas. **Dialogia**, São Paulo, n. 26, p. 51-68, maio/ago. 2017

NAVAS, D. A literatura contemporânea para crianças e jovens: espaço(s) plural(is). **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 19, n. 3, jul/set. 2024.

OLIVEIRA, M. A. Leitura Prazer: **Interação Participativa da Criança com a Leitura Infantil na Escola**. São Paulo, 1996.

PALO, M. J. **Literatura infantil: voz de criança**. 4ª.ed. São Paulo: Ática, 2006.

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PETIT, M. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, M. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. 1ª ed, Editora 34, 2019.

PSZCZOL, E. **À Guisa de um Balanço - PROLER**: concepções e diretrizes. Rio de Janeiro. Programa Nacional de Incentivo à Leitura, 2009. Disponível em: <Disponível em: <http://www.bn.br/proler/images/PDF/cursos3.pdf> >. Acesso em: 8 fev. 2018.

SILVA, M. B. da. **Políticas Públicas para a Leitura e Literatura no Brasil**. Belém-Pa, 2023.

RAMOS, A. M. (org.). **Aproximações ao livro-objeto**: das potencialidades criativas às propostas de leitura. Porto: Tropelias & Companhia, 2017.

ROCHA R. V. Entrevista. In: ANDERSON, N. **Rosângela Vieira Rocha**: “literatura não é panfleto e nem livro didático, não é feita para educar. Seu compromisso é muito mais amplo”. 2 mai. 2021. Angústia Criadora, 2021. Disponível em: <https://www.angustiacriadora.com/rosangela-vieira-rocha-literatura-nao-e-panfleto-e-nem->. Acesso em: 10 mai. 2025.

SOARES, M. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, A. *et al.* (org.). **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 17-32. (Coleção Literatura e Educação, v. 5).

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, L. **As crianças da natureza**. Brasília: Portal do MEC, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. RJ, Martins Fontes, 1989.

ZILBERMAN R; LAJOLO, M. **A Formação da Leitura no Brasil**. Editora Ática, 1985.

ZILBERMAN, R. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro. Objetiva. 2005.
